

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CMG (IM) JOSÉ FERREIRA DE ASSIS

TERRORISMO INTERNACIONAL:

O atentado terrorista nas Olimpíadas de Munique de 1972, praticado pelo Grupo Terrorista Setembro Negro: lições e desdobramentos para a Marinha do Brasil.

Rio de Janeiro

2016

CMG (IM) JOSÉ FERREIRA DE ASSIS

TERRORISMO INTERNACIONAL:

O atentado terrorista nas Olimpíadas de Munique de 1972, praticado pelo Grupo Terrorista Setembro Negro: lições e desdobramentos para a Marinha do Brasil.

Tese apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Política e Estratégia Marítimas.

Orientador: CMG (RM1-FN) Ricardo Wagner de Castilho Sá

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2016

## **AGRADECIMENTOS**

Por ocasião da elaboração do presente trabalho, muitas foram as colaborações que obtive, por isso quero agradecer em primeiro lugar a Deus (como sempre, por tudo); a seguir à minha amada família, pelo apoio, paciência e compreensão pelos vários momentos que a privei da minha companhia; ao meu orientador, CMG (FN) Ricardo Wagner de Castilho Sá, pela paciência e orientações seguras; e aos vários amigos do C-PEM2016 e da MB, principalmente: CMG Ednaldo Blum de Oliveira Santos, CMG Iunis Távora Said, CMG Osvaldo Peçanha Caninas, CMG (FN) Cláudio Eduardo Silva Dias, CMG (FN) João Leonardo Palmieri Parente, CMG André Luis Dias Gomes, CMG (IM) Nelson Márcio Romaneli de Almeida, CLC Antonio Mario Conon de Oliveira, e CMG (FN) Paulo Sérgio C. B. Tinoco Guimarães, pelo constante apoio.

## RESUMO

Este trabalho, tendo como tema o terrorismo internacional, estudou um episódio que muito impactou o mundo na época da sua ocorrência, e é objeto de reflexão até os dias de hoje: “o atentado terrorista nas Olimpíadas de Munique de 1972” – por ter causado um grande impacto no mundo e uma mudança de paradigma e, proporcionado, a partir dali, uma revolução nas estratégias, nas táticas e técnicas de combate ao terrorismo, fruto das lições dele aprendidas, em especial ao terrorismo internacional, tornando esse fenômeno muito estudado e analisado em todo o mundo. O objetivo foi identificar as lições que aquele atentado deixou como aprendizado e explicar em que aquelas lições podem contribuir para o enfrentamento do terrorismo internacional, com desdobramentos para a Marinha do Brasil (MB), tendo em vista sua atuação nos grandes eventos, nos quais participa subsidiariamente na segurança. Utilizou-se da metodologia de estudo de caso, usando a história apenas como instrumental, e de pesquisa bibliográfica e documental. Para se alcançar o objetivo principal, além da introdução e da conclusão, o estudo contou com mais três capítulos, que se constituíram nos objetivos intermediários. No capítulo dois foram enunciados e identificados assuntos correlatos e a fundamentação teórica, como: principais conceitos; classificações do terrorismo quanto à dimensão espacial, quanto aos objetivos, quanto às tipologias e quanto às motivações; o comportamento dos terroristas – suas formas de atuação e seleção de alvos. No capítulo três foi recordado o histórico do atentado, enunciadas as falhas observadas e identificadas as lições aprendidas. No capítulo quatro analisou-se o combate ao terrorismo: o modelo brasileiro, a atuação da MB na segurança dos grandes eventos e as lições aprendidas e aplicações na MB. Por fim, fechou-se com a conclusão, explicando que as lições aprendidas foram assimiladas e muito contribuíram para a evolução e preparação no combate ao terrorismo internacional (aí incluída a MB), porém em virtude da característica de imprevisibilidade do terrorismo, assim como do potencial imaginativo dos seus agentes, a qualquer momento e em qualquer lugar podem ocorrer atentados com uma nova mudança de paradigma.

**Palavras-chave:** terrorismo, terrorismo internacional, Olimpíadas de Munique, Marinha do Brasil, grandes eventos

## ABSTRACT

This work, on the theme of international terrorism, studied an episode that really impacted the world at the time of its occurrence, and it is an object of reflection until the present day, "the terrorist attack at the Munich Olympics in 1972" - for causing a great impact on the world and a paradigm shift and provided, from there, a revolution in the strategies, the tactics and techniques of combat terrorism, the result of lessons learned from it, especially international terrorism, making this much-studied phenomenon and analyzed worldwide. The goal was to identify the lessons that attack left as learning and explain what those lessons can contribute to tackling international terrorism, with consequences for the Navy of Brazil (MB), in view of its performance in the major events in which it participates alternative security. We used the case study methodology, using the story just as instrumental, and bibliographical and documentary research. To achieve the main goal, besides the introduction and conclusion, the study included three chapters, which were formed in the intermediate objectives. In chapter two were statements and related matters identified and theoretical foundation, as: key concepts; ratings of terrorism as the spatial dimension, as the objectives, for the typology and the motivations; the behavior of the terrorists - their ways of acting and targeting. Chapter three was recalled the history of the attack, described the shortcomings observed and identified lessons learned. Chapter four analyzed the fight against terrorism: the Brazilian model, the performance of MB in the security of major events and lessons learned and applications in MB. Finally, closed the conclusion explaining that the lessons learned were assimilated and contributed to the development and preparation in the fight against international terrorism (including therein the MB), but because of the terrorism unpredictability feature, as well as the imaginative potential of its agents at any time and anywhere attacks can occur with a new paradigm shift.

**Keywords:** terrorism, international terrorism, Munich Olympics, Navy of Brazil, major events

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Quadro 1 – Comparativo das características do Velho e do Novo terrorismo.....	88
Quadro 2 – Potencial de ocorrência de terrorismo, Alvos e Agentes.....	89
Figura 1 – Atuação da MB na Olimpíada 2016 (CDS Copacabana).....	90

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIN	– Agência Brasileira de Inteligência
AK-47	– Avtomat Kalashnikova modelo 1947 (Fuzil automático)
AL QAEDA	– A Base (em árabe) – rede terrorista
CCPCT	– Comando Conjunto de Prevenção e Combate ao Terrorismo
CCTI	– Centro de Coordenação Tático Integrado
CDA/S	– Centro de Defesa de Área/Setorial
CDS	– Comando de Defesa Setorial
CFN	– Corpo de Fuzileiros Navais
CGCFN	– Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais
CGDA	– Coordenação Geral de Defesa de Área
CICC	– Centro Integrado de Comando e Controle
CIET	– Comitê Integrado de Enfrentamento ao Terrorismo
CLC	– Capitão de Longo Curso
COAF	– Conselho de Controle de Atividades Financeiras
COCIT	– Coordenação de Combate aos Ilícitos Transnacionais
COMDABRA	– Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro
CPCT	– Centro de Coordenação de Prevenção e Combate ao Terrorismo
C-PEM	– Curso de Políticas e Estratégias Marítimas
COT	– Comando de Operações Táticas (do DPF)
CRFB	– Constituição da República Federativa do Brasileira
CV	– Comando Vermelho
DEI	– Dispositivos Explosivos Improvisados
DPF	– Departamento da Polícia Federal
DPRF	– Departamento da Polícia Rodoviária Federal

EI	– Estado Islâmico
EMBRAPA	– Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias
ENCCLA	– Estratégia Nacional de Combate à Corrupção e Lavagem de Dinheiro
END	– Estratégia Nacional de Defesa
ESINT	– Escola de Inteligência
ETA	– Euzkadi Ta Azkatasuna (Organização Patria Basca e Liberdade)
EUA	– Estados Unidos da América
FIFA	– Fédération Internationale de Football Association (Federação Internacional de Futebol)
FN	– Fabrique Nationale Herstal da Bélgica (Fuzil de assalto)
FPDLP	– Frente Popular Democrática para Libertação da Palestina
FPLP	– Frente Popular de Libertação da Palestina
GAFI	– Grupo de Ação Financeira Internacional contra Lavagem de Dinheiro
GERR/Mec	– Grupo Especial de Retomada e Resgate – Mergulhadores de Combate
GERR/OpEsp	– Grupo Especial de Retomada e Resgate – Operações Especiais
GLO	– Garantia da Lei e da Ordem
GRUMEC	– Grupamento de Mergulhadores de Combate
GSG9	– Grenzschutzgruppe 9 (Grupo 9 da Guarda da Fronteira – Polícia Federal Alemã)
GSIPR	– Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República
GT	– Grupo Tarefa
G3	– Gewehr 3 (Fuzil de assalto)
IRA	– Irish Republican Arm (Exército Republicano Irlandês)
ISPS Code	– Código Internacional para Segurança de Navios e Instalações Portuárias
IZL	– Irgun Zuai Leumi (Organização Militar Nacional na Terra de Israel)
LBDN	– Livro Branco de Defesa Nacional
MB	– Marinha do BrasilMD – Ministério da Defesa

MRE	– Ministério das Relações Exteriores
NBQR	– Nuclear, Biológica, Química e Radiológica
NSIC	– Núcleo de Segurança de Infraestruturas Críticas
OEA	– Organização dos Estados Americanos
OLP	– Organização para Libertação da Palestina
ONU	– Organização das Nações Unidas
OSN	– Organização Setembro Negro
PCC	– Primeiro Comando da Capital
PESI	– Plano Especial de Segurança Integrada
PND	– Política Nacional de Defesa
PSE	– Posto de Segurança Estático
SAS	– Special Air Service (Força Especial do Exército do Reino Unido)
SEAL	– Sea, Air and Land (Força de Operações Especiais da Marinha do EUA)
SIPRON	– Sistema de Proteção ao Programa Nuclear Brasileiro
SISBIN	– Sistema Brasileiro de Inteligência
VANT	– Veículo Aéreo Não Tripulado

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>ASSUNTOS CORRELATOS – A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
2.1	Principais conceitos.....	14
2.2	Classificações do terrorismo.....	20
2.2.1	Quanto à dimensão espacial.....	20
2.2.2	Quanto aos objetivos.....	21
2.2.3	Quanto às tipologias.....	23
2.2.4	Quanto às motivações.....	24
2.3	Comportamento dos terroristas.....	28
2.3.1	Formas de atuação.....	31
2.3.2	Seleção de alvos.....	33
<b>3</b>	<b>O HISTÓRICO DO ATENTADO</b> .....	36
3.1	Contextualização.....	36
3.1.1	O sequestro.....	36
3.1.2	As negociações.....	45
3.1.3	O desfecho.....	52
3.1.4	As Falhas observadas .....	58
3.2	Lições aprendidas.....	61
<b>4</b>	<b>O COMBATE AO TERRORISMO</b> .....	63
4.1	O modelo brasileiro.....	64
4.2	A Marinha do Brasil na segurança dos Grandes Eventos.....	71
4.3	Lições aprendidas e aplicações na Marinha do Brasil.....	74
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	79
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	84
	<b>ANEXO A – Lista de Ilustrações</b> .....	88
	<b>ANEXO B – Histórico da origem da Organização Setembro Negro</b> .....	91

## 1 INTRODUÇÃO

O terrorismo, com todas suas dificuldades de definição, segundo Clutterbuck (1980) e Whittaker (2005), é, de forma geral, um fenômeno histórico que vem afligindo diversos segmentos da sociedade, em todo o mundo (governos, autoridades, populações etc.), desde os primórdios da civilização. Com motivações muitas vezes difusas, de difícil interpretação, e com objetivos finais não facilmente identificáveis, tem a intenção precípua de causar um grande impacto em um maior número de pessoas possíveis, por meio da violência ou pela ameaça da utilização dela, coagindo, intimidando e, principalmente, causando medo – “Mata um e assustarás dez mil” (velho provérbio chinês)”<sup>1</sup> (CLUTTERBUCK, 1980, p. 15).

Conforme discorreu Clutterbuck (1980, p.15), nos séculos passados, os terroristas não passavam de simples assassinos a serviço de reis, arquiduques etc., sem qualquer influência sobre os governos – eram similares a criminosos. Nos dias atuais, são bastante distintos dos criminosos comuns, que procuram obter vantagens materiais, enquanto os terroristas agem por motivos políticos das mais variadas origens, que escondem na maioria das vezes suas verdadeiras ambições ou satisfações pessoais. Hoje, de acordo com Bonanate (2001) e Silva e Chaves (2010), os avanços da humanidade (por exemplo: tecnológico, econômico, social etc.) fizeram com que o mundo se transformasse, passando a ter uma nova dinâmica. As relações, de toda ordem, cruzaram fronteiras, transformaram-se em transnacionais, ficaram globalizadas, tornando o mundo mais unificado, mais inseguro, mais incerto, gerando, com isso, novos problemas, novas ameaças (principalmente externas), dentre elas o objeto do nosso estudo, o terrorismo internacional<sup>2</sup>, que num ambiente multifacetado,

---

1 Conforme Clutterbuck (1980, p.22), com o advento da televisão, que leva as notícias a um número maior de pessoas, o provérbio poderia ser alterado para: “Mata um e assustarás dez milhões”.

2 Segundo Woloszyn (2009, p.73), terrorismo internacional é aquele que se caracteriza por ações que ultrapassam as fronteiras nacionais – quando o local do atentado, as vítimas, os executores, os meios utilizados, enfim, tudo relacionado ao ato envolve mais de uma nacionalidade ou país. (conforme

pode atuar em qualquer local, em qualquer ambiente, e a qualquer momento, não deixando nenhum setor da sociedade livre de ser acometido por esse fenômeno.

Trazendo o assunto para a nossa realidade, no Brasil, com certa frequência, ocorrem grandes eventos<sup>3</sup> (esportivos, religiosos, culturais etc.) com grande exposição internacional, que acabam se tornando um grande alvo, em potencial, para um atentado terrorista. Apesar de todas as medidas de segurança certamente tomadas nessas ocasiões, não se pode esquecer, conforme bem explanou Heydte (1990), que o terrorismo é mutável – vai se moldando às mudanças que ocorrem nos diversos cenários de segurança, procurando vulnerabilidades para atuar, portanto, não se pode garantir que se estará totalmente seguro nesses tipos de eventos.

Nesse sentido, o Almirante de Esquadra Ademir Sobrinho, Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, em entrevista concedida à jornalista Andreza Matais, do jornal Estadão, em 04 de julho de 2016, falando sobre a possibilidade de terrorismo no grande evento que ocorreria no Brasil (a Olimpíada 2016), foi enfático em dizer que: “Não podemos dizer que não há a probabilidade de um ataque terrorista. Temos que nos preparar para a pior situação. É o que estamos fazendo”, demonstrando que, apesar de todas as medidas que o Brasil vem tomando para prevenir o terrorismo nos grandes eventos, pelas características de imprevisibilidade do terrorismo, um ataque não pode ser de forma alguma descartado.

Assim, em face do discorrido acima, e da recorrência de inúmeros atentados

---

observamos constantemente nos atentados dos dias atuais). Ainda, de acordo com Woloszyn (2009, p.22), o caráter internacional do terrorismo é uma das características mais importantes de cada onda descrita pelo cientista político David Rapoport, que dividiu a história do terrorismo em quatro fases ou “ondas” – que se caracterizam por desenvolver as atividades terroristas por um determinado período de tempo (sistematicamente), para logo a seguir se arrefecer, adotando a tática de “ataque e retração”. A primeira onda de 1879 a 1920 (surgiu com o anarquismo); a segunda surgiu com o período anticolonial (lutas pela independência das colônias – de 1922 a 1960); a terceira na época da guerra fria (surgimento de grupos de esquerda – 1960); e a quarta onda inicia-se em 1979 (vitória da revolução islâmica no Irã, invasão do Afeganistão pela URSS e, fim da guerra fria), caracterizada por extremismos religiosos. Cada onda teve um “modus operandi” distinto.

3 Grandes eventos no Brasil: V Jogos Mundiais Militares (2011); Rio + 20 (2012); Jornada Mundial da Juventude Católica (2013); Copa das Confederações (2013); Copa do Mundo FIFA (2014); e Olimpíada no Rio de Janeiro (2016).

terroristas que se tem observado em diversas partes do mundo, principalmente em locais de grande concentração de pessoas, mesmo com todas as ações preventivas tomadas, conclui-se que não se tem condições de prever (sem margem de erro) a ocorrência desse fenômeno, tornando-se necessário estudá-lo, analisá-lo e entendê-lo, a fim de tentar minimizar a sua repetição total ou parcial. Dessa forma, este estudo, que tem como foco um ataque terrorista ocorrido no passado, num grande evento (similar aos eventos que ocorrem no Brasil), que foi um dos episódios mais fatídicos da história dos grandes eventos esportivos e em que houve uma mudança de paradigma, tem como objetivo principal chegar à resposta a essa questão: "O que o atentado terrorista nas Olimpíadas de Munique de 1972<sup>4</sup>, praticado pelo Grupo Terrorista Setembro Negro<sup>5</sup>, pode trazer de conhecimento (lições) para o enfrentamento do terrorismo internacional, em grandes eventos, com desdobramentos para a Marinha do Brasil (MB)?" - em face do seu engajamento, por força legal e normativa, na segurança desse tipo de situação.

Com isso, para se alcançar o objetivo proposto, será utilizada a metodologia de estudo de caso, com uma abordagem sob a ótica histórica (de um fato histórico específico), não sendo efetivamente um estudo histórico – será usada a história apenas como um instrumental –, e pesquisa bibliográfica e documental, além de terem sido estabelecidos objetivos intermediários. Nessa busca desses objetivos (intermediários e principal), o estudo será estruturado em mais três capítulos, que se constituirão nos objetivos intermediários, além do capítulo um da introdução e do capítulo cinco da conclusão. No capítulo dois serão enunciados e identificados assuntos correlatos e a fundamentação teórica: os principais

---

4 Conforme Klein (2006), Reeve (2011) e Woloszyn (2009, p.21) foi um atentado terrorista, também chamado de "O massacre de Munique", praticado por 8 componentes do Grupo Terrorista Setembro Negro (uma facção da OLP), que invadiram (em 05 de setembro de 1972) 2 apartamentos dos integrantes da Delegação Olímpica de Israel (fazendo alguns deles reféns), na Vila Olímpica de Munique, na Alemanha, portando rifles, pistolas, granadas etc. Ao final do episódio, ficaram mortos 11 Israelenses, 1 Policial alemão e 5 Terroristas (sendo outros 3 presos).

5 A facção, Organização Setembro Negro (OSN), era um ramo violento da Al Fatah, formado depois da dizimação dos guerrilheiros árabes no Jordão, em setembro de 1970. (CLUTTERBUCK, p. 85).

conceitos; classificações do terrorismo: quanto à dimensão espacial, quanto aos objetivos, quanto às tipologias e quanto às motivações; o comportamento dos terroristas: com suas formas de atuação e seleção de alvos. No capítulo três será recordado o histórico do atentado, enunciadas as falhas observadas e identificadas as lições aprendidas. No capítulo quatro será analisado o combate ao terrorismo: o modelo brasileiro, a atuação da MB na segurança dos grandes eventos e as lições aprendidas e aplicações na MB. Por fim, será efetuada a conclusão, em que se espera seja respondida a pergunta objeto principal deste estudo, explicando as aplicações das lições identificadas na Marinha do Brasil, de forma a contribuir para o enfrentamento do terrorismo internacional nos grandes eventos em que ela atuará.

## 2 ASSUNTOS CORRELATOS – A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para contribuir com o alcance dos objetivos desse estudo, acerca do atentado terrorista nas Olimpíadas de Munique de 1972, praticado pelo Grupo Terrorista Setembro Negro, que será recordado no capítulo três, neste capítulo (como componentes dos objetivos intermediários), em face da complexidade, dinamismo e da dificuldade de consenso sobre a interpretação de suas características – que até se confundem –, serão enunciados e identificados determinados assuntos correlacionados ao terrorismo e à fundamentação teórica, tais como: seus principais conceitos; suas classificações quanto à dimensão espacial, quanto aos seus objetivos, quanto às suas tipologias e quanto às suas motivações; e como se comporta o terrorista: suas formas de atuação e seleção dos alvos, para que se conheça e compreenda, com mais substância, essas características do terrorismo e de seus agentes.

### 2.1 Principais conceitos

Conforme bem destacou Silva e Chaves (2010), uma das mais difíceis tarefas é definir terrorismo:

(...) Fenômeno histórico e político, a conceituação sobre o terrorismo é uma questão contemporânea de difícil delimitação e incipiente consenso sobre os seus limites jurídicos ou teóricos. Pouco ou quase nenhum consenso restou sobre o assunto nos diversos foros de debate da comunidade internacional, nas discussões das instituições ou da sociedade civil organizada (SILVA e CHAVES, 2010, p. 10).

Segundo Whittaker (2005, p.19), para se responder o que é o terrorismo e quais as suas definições<sup>6</sup>, há uma seleção de definições diretas, mas que não constituem um consenso.

6 Conforme discorreu Whitakker (2009), o terrorismo pode ser definido de diversas formas, tais como: – O uso ilegal da força ou violência contra pessoas ou propriedades para intimidar ou coagir um governo, uma população civil, ou qualquer segmento dela, em apoio a objetivos políticos ou sociais (FBI); – O calculado uso da violência ou da ameaça de sua utilização para inculcar medo, com a intenção de coagir ou intimidar governos ou sociedades, a fim de conseguir objetivos, geralmente políticos, religiosos ou ideológicos (Departamento da Defesa dos EUA); – Violência premeditada e politicamente motivada perpetrada contra

Conforme se observa, e também retratou Woloszyn (2009, p. 71) e Whittaker (2005), em face da sua dinâmica, constantes mudanças e evolução (metamorfose), há uma enorme dificuldade para se conceituar terrorismo, existindo em torno de 160 definições, em todo o mundo, fruto de estudos em diversas áreas, como antropologia, psicologia, política, sociologia etc. Essas inúmeras definições carregam em si, na maioria das vezes, posições institucionais, em que pesem, quase todas aceitarem que se tem que considerar a influência do contexto em que são colocadas: os fatores ideológicos, religiosos, sociais, econômicos, históricos, étnicos e psicológicos, que levam a confundir o terrorismo com a criminalidade comum e com guerrilhas, porém, é certo que o componente político, o uso da violência e do terror (na maioria das vezes de forma extrema), para causar medo e pânico, são características comuns a todas as definições e também um consenso.

Para melhor se compreender a origem do terrorismo, conforme comentou Woloszyn (2009, p. 17 e 18), a história mostra que o uso da violência como instrumento do terror acompanha a humanidade desde os seus primórdios.

Tem-se relatos desde a época descrita na Bíblia: no Velho Testamento e no livro de Apocalipse – como primeiras manifestações de terrorismo religioso (o dilúvio, o êxodo – com a matança dos adoradores do bezerro de ouro, o episódio de Sansão e Dalila, em Gênesis – o Pentateuco narrando a destruição de Sodoma e Gomorra etc.).

---

alvos não-combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente com a intenção de influenciar uma audiência (Departamento de Estado dos EUA); – O uso da ameaça, com o propósito de avançar uma causa política, religiosa ou ideológica, de ação que envolve violência séria contra qualquer pessoa ou propriedade (Governo do Reino Unido); – A contribuição para o ilegítimo uso da força de modo a conseguir um objetivo político, quando pessoas inocentes são os alvos (Walter Laqueur); – Uma estratégia de violência concebida para promover resultados desejados pela instilação do medo no público em geral (Walter Reich); – O uso ou ameaça de emprego da força de modo a provocar mudança política (Brian Jenkins); - Os deliberados e sistemáticos assassinatos, mutilações e ameaças a inocentes para inspirar medo e alcançar metas políticas (...) O terrorismo (...) é inerentemente maléfico, necessariamente maléfico e totalmente maléfico (Paul Johnson); e – O terrorismo internacional é a ameaça ou uso da violência com propósitos políticos quando (1) tal ação tenciona influenciar a atitude e o comportamento de um público-alvo mais amplo que é sua vítima imediata, e (2) suas ramificações transcendem as fronteiras nacionais (Peter Sederberg).

Pode-se citar também, segundo Woloszyn (2009, p. 18-20) e Chalk (1996, p. 18), outras narrativas, como: Sun Tzu, no século IV a.C, no livro “Arte da guerra”, sobre as estratégias da guerra. No século III a.C, por Roma, durante as guerras para a formação do seu império, em que os exércitos conquistadores utilizavam da violência extrema contra os povos conquistados, a fim de impor o medo e evitar o apoio a levantes da população ou o surgimento de líderes locais. Os grupos fanáticos religiosos dos Sizárii (assassinos que atuavam com adagas na época de Jesus) e os Ismilis-Nezari, praticantes do culto a hashshashin (assassinos – terroristas religiosos – sendo a origem do extremismo islâmico), que agiram durante o século XI ao XIII. No século XII, as cruzadas, que destruíam tudo por onde passavam (plantações, alimentos, povoados etc.), o que foi copiado tempos depois pelos exércitos de Napoleão Bonaparte e de Adolf Hitler. Na ex-URSS, Stalin, que praticou metodicamente o terrorismo de Estado contra a população etc.

Contudo, foi na revolução francesa (em 1789) que surgiu o termo “Terrorismo”, como se conhece hoje, com o vocábulo “*terrorisme*”, com os jacobinos<sup>7</sup> executando milhares de pessoas na guilhotina, e também, no século XVIII, tivemos a Inquisição – queimando várias pessoas em fogueiras, por serem consideradas praticantes de bruxaria.

Conforme também discorreu Woloszyn (2009, p. 20 e 21), no século XIX ao XX, surgiram grupos anarquistas na Europa, que cometiam atentados a bomba, sequestros, assassinatos, contra a exclusão social e o desemprego – aparecendo, nessa época, os manuais ensinando técnicas de terrorismo com intento político e ideológico. A partir do século XX, retornam os atentados e surgem os grupos anarquistas e nacionalistas (por exemplo: o

---

7 Durante a Revolução Francesa (1789 a 1799), em setembro de 1792, quando foi proclamada a República, existiam três forças principais entre os membros da Convenção Nacional. Os girondinos (direita), conhecidos como Planície, com posições mais conservadoras. Os jacobinos (esquerda), também chamados de Montanha por ocuparem os lugares mais altos da Convenção, radicais liderados por Robespierre e Saint-just. E os indecisos, conhecidos como Pântano (centro), caracterizados pela indefinição política. A partir de meados de 1793, a Revolução se radicaliza, com os jacobinos assumindo a liderança e iniciando o período do terror, com a execução em massa dos opositores, sobretudo girondinos (Pazzinato e Senise, 2004, p. 127 e 128).

assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando em 1914). Entre 1960 e 1970 houve um incremento do terrorismo (surgiu o regime dos Aiatolás no Irã, o atentado de Munique, que teve grande exposição pela mídia etc.).

Agora, vive-se na era do novo terrorismo que, segundo Melo Neto (2002, p.28), surgiu com os ataques terroristas aos EUA, e tem como característica atacar alvos com valor simbólico, ataques em grande escala (com grande repercussão), ocasionando grande número de vítimas, tendo os alvos não claramente definidos e os objetivos imprecisos (*vide* QUADRO 1, p. 88).

No Brasil, depois de longo debate, e de diversos Projetos de Lei, recentemente foi promulgada a Lei 13.260, de 16 de março de 2016, regulamentando o disposto no inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal, disciplinando o terrorismo (inclusive dispendo sobre ações características do terrorismo internacional), tratando de disposições investigatórias e processuais e reformulando o conceito de organização terrorista.

De acordo com ela, o terrorismo consiste na prática por um ou mais indivíduos dos atos de terrorismo (relacionados na lei), por razões de xenofobia, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia e religião, quando cometidos com a finalidade de provocar terror social ou generalizado, expondo a perigo pessoa, patrimônio, a paz pública ou a incolumidade pública.

Uma outra colocação importante acerca da evolução do terrorismo, segundo Woloszyn (2009, p. 22) e Buzanelli (2010, p. 33), foi a divisão da história do terrorismo em quatro fases ou ondas (com “*Modus Operandi*” diferentes), conforme dispôs David Rapoport<sup>8</sup> (formulador da tese), em que as atividades terroristas são desenvolvidas por um período de tempo, por meio da tática de ação e retração, para logo a seguir se arrefecer – com fases de

---

<sup>8</sup> David C. Rapoport é um professor emérito da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. É fundador e coeditor do jornal Terrorismo e Violência Política. Elaborou a tese sobre as quatro ondas do moderno terrorismo internacional (RAPOPORT, 2004).

ascensão e de declínios das organizações.

A primeira onda surge com o anarquismo (1879 a 1920), com o assassinato de políticos e militares importantes, com viés da ideologia revolucionária (os assassinatos ocorridos contra o regime czarista – objetivando destruir a velha Rússia); a segunda, referente ao período anticolonial na África e Ásia (1922 a 1960), com as lutas de independência (nacionalismo) – com ataques (guerrilha) às forças policiais e militares das potências coloniais e aos seus representantes; a terceira onda, na guerra fria (1960), com o aparecimento de movimentos de esquerda (como IRA, ETA, Baaden Meinhof, Brigadas Vermelhas, OLP etc.), com grande influência do êxito dos Vietcongs sobre os EUA. Suas principais ações foram sequestros de aviões, assaltos a bancos, assassinatos de autoridades e ataques com bombas, matando centena de civis; e na quarta onda (que emergiu com o fim da guerra fria, com a vitória da revolução islâmica no Irã e, também, com a invasão do Afeganistão pela ex-URSS em 1970), surge o terrorismo religioso, tendo como protagonistas os extremistas religiosos, bem representados pela Al Qaeda e ultimamente pelo Estado Islâmico (EI)<sup>9</sup>, usando explosivos, com cartas bombas, homens bombas etc.

As três primeiras ondas têm em comum serem compostas por grupos com uma estrutura organizada, que têm um veículo de divulgação, para a agitação e propaganda, questão vital para o alcance de seus objetivos. Já a quarta onda, normalmente não tem um veículo de divulgação e nem precisam dele, pois a própria religião (o Islã, nesse caso) já os inspira e já os une, e, a partir de uma interpretação extremista do Alcorão, são divulgadas no

---

9 O EI, também conhecido como ISIS ou Daesh, sigla em inglês para Estado Islâmico no Iraque e na Síria, ou Estado Islâmico do Iraque e do Levante, ou ainda, como é conhecido nos dias de hoje, somente Estado Islâmico. É um grupo muçulmano extremista, com maioria sunita, maior número de seguidores do islamismo (exceto no Iraque e no Irã, onde predominam os xiitas). Foi fundado em outubro de 2004 a partir do braço da Al Qaeda no Iraque. Em janeiro de 2014, declarou ao mundo que o território sob seu domínio passaria a ser um califado, que é a forma islâmica de governo, cujo líder é o califa. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/estado-islamico-conheca-o-grupo-seus-objetivos-e-suas-estrategias.html>>. Acesso em: 08jun2016.

mundo por clérigos radicais – que veem naqueles que não seguem a sua religião ou naqueles que seguem mas os traíram, um inimigo (os infiéis) que quer atacar o mundo islâmico (nova cruzada).

Embora se tenha relacionado, inicialmente, determinados conceitos que merecem consideração (alguns institucionais, incluindo aí o da nova lei brasileira sobre terrorismo), uma classificação importante, muito comum nos dias atuais (tema do presente trabalho), é o terrorismo internacional.

Para a doutrina de inteligência brasileira:

Terrorismo internacional – São os incidentes cujas consequências e ramificações transcendem nitidamente as fronteiras nacionais, ou seja, quando vítimas, executantes e o local de um atentado, ou ainda, os meios utilizados envolvem mais de um país ou nacionalidade. Os exemplos mais recentes são os atentados às “torres gêmeas” em Nova York, EUA, em 2001; aos trens do metrô de Madrid (Espanha), em 2004, e no metrô de Londres (Inglaterra), em 2005 (WOLOSZYN, 2009, p. 73).

Como discorreu Melo e Neto (2002, p. 139) e Buzanelli (2010, p. 23), com os avanços da ciência e da tecnologia observados no século XX, as ações dos terroristas passaram a cruzar as fronteiras com mais facilidade, a serem mais sofisticadas e planejadas, tendo poder de alcance muito maior e mais eficiente, em face do uso da tecnologia bélica mais moderna (com mais alto poder destrutivo), de redes sofisticadas de comunicação (internet, etc.) e interconexões globais – facilitando a propagação do terrorismo internacional – fato muito observado nos dias atuais, com constantes ações de terrorismo em diversas partes do mundo, com variados “*Modus Operandi*”, por diversos atores e diversas motivações –, sendo o terrorismo islâmico a mais latente ameaça político-ideológica à comunidade internacional, em que pese estar causando mais danos materiais e vítimas humanas na própria comunidade muçulmana.

## 2.2 Classificações do terrorismo

A fim de melhor se conhecer e compreender esse fenômeno tão complexo, discorre-se a seguir sobre algumas classificações atinentes ao terrorismo, que são comumente colocadas pelos diversos estudiosos do assunto.

### 2.2.1 Quanto à dimensão espacial

Conforme colocaram Cretella Neto (2008, p. 67) e Woloszyn (2009, p. 72-75), são observadas diferentes terminologias, feitas pelos mais diversos autores, para apresentar as classificações do terrorismo quanto à sua dimensão espacial, sendo que no final o sentido será o mesmo.

No Brasil, a doutrina de inteligência, preconizada pela Escola de Inteligência (ESINT), com subordinação à Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), dispõe a classificação a seguir:

a) Terrorismo Internacional – é aquele que se caracteriza por ações que ultrapassam as fronteiras nacionais (como exemplo: as ações do OSN em Munique, da Al Qaeda, do EI, etc.) – quando o local do atentado, as vítimas, os executores, os meios utilizados, enfim, tudo relacionado ao ato envolve mais de uma nacionalidade ou país (conforme se observa constantemente nos atentados dos dias atuais). E ainda, de acordo com Silva e Gonçalves (2010, p. 286), por ações contra outros Estados (terceiros), visando uma mudança do “*status quo*” ou até da ordem mundial. Subdivide-se em três categorias: 1) movimentos anticoloniais e movimentos de libertação nacional; 2) aqueles cujos patrocinadores são Estados; e 3) aqueles que têm relação com os atos de alcance

transnacional.<sup>10</sup>

b) Terrorismo nacional ou democrático – são quando as ações ocorrem dentro do próprio país e atingem a sua própria população. Como exemplo, tem-se os atentados de cidadãos americanos contra seu próprio povo (o carro bomba no prédio em Oklahoma, EUA, em 1995; os atentados de terroristas iraquianos contra sua própria população etc.); e

c) Terrorismo de Estado – são quando as ações são patrocinadas ou tem o apoio de um estado que as patrocina. Tem-se como exemplo os regimes totalitários no decorrer do século XX (Stalin na URSS, a Revolução Cubana, o holocausto nazista etc.).

### 2.2.2 Quanto aos objetivos

No decorrer do tempo, o terrorismo foi evoluindo e, por conseguinte, seus objetivos (propósitos) também seguiram essa tendência. Em certo momento, eram claramente definidos e em outros momentos se caracterizavam pela ausência de objetivos ou, quando existiam, eram difusos.

Segundo relatou Woloszyn (2009, p. 72), o posicionamento da doutrina brasileira de inteligência dispõe que

Em caráter geral, o objetivo dos atos e ações são o de criar um clima de insegurança e temor generalizado para demonstrar inconformismo contra um sistema seja político, econômico, social, étnico ou religioso e facilitar o desenvolvimento de um processo de mudanças pretendidas (WOLOSZYN, 2009, p. 72).

Mas em caráter específico, pode-se citar diversos objetivos a serem alcançados, dentre eles aqueles político-ideológicos e religiosos; a mudança da política externa de

---

<sup>10</sup> Segundo o Dicionário Aurélio, transnacional significa “o que ultrapassa os limites da nacionalidade; mais do que nacional”. Significa ainda o que é multinacional. Dito de outra forma, acontecimentos, fenômenos, ações, agentes, ligações ou relações de lealdade e interesses transnacionais refletem algo cuja ocorrência se dá, simultaneamente, “através” de dois ou mais Estados nacionais (ou seja, através de jurisdições políticas distintas), à revelia destes, e não raro a despeito de imposições ou restrições domésticas de toda ordem (como as de natureza legal, moral ou econômica). (SILVA, 2010, p. 288).

determinado governo; a substituição ou derrubada de um governo (ou de um modelo de governo); a publicidade (divulgação); a defesa dos animais (seus direitos) e do meio ambiente; para mostrar a insatisfação com a globalização, que desumaniza a sociedade (pela exclusão social); para obtenção de autonomia política para um grupo dentro de uma nação; e para demonstrar poder entre grupos que estejam em conflito.

Além dos objetivos específicos relacionados acima, como bem pontuou Woloszyn (2009, p. 73), a doutrina americana acrescentou aquele que visa induzir a sociedade a desacreditar na capacidade das instituições do governo de atuar contra o terrorismo, debilitando os seus mecanismos de controle e demonstrando a fragilidade das suas forças repressoras, e, coadunando com o que dispôs e acrescentou Silva (2010, p. 285), aquele que objetiva chamar a atenção da sociedade para os movimentos daqueles que se intitulam oprimidos (para suas diretrizes políticas, filosóficas e religiosas).

Como discorreu Melo Neto (2002, p. 51), em resumo, o objetivo central é e sempre foi disseminar o terror, o medo e o pânico em todo o mundo – agora mais acentuadamente no mundo globalizado – com a finalidade de estar presente na mídia internacional, incrementar os conflitos entre povos e países, afrontar governos, desestabilizar e abalar sistemas políticos, a economia e a política internacional.

Ainda, como acréscimo ao tema, segundo Buzanelli (2010, p. 36), nos dias atuais o objetivo principal dos terroristas, inspirados no Islamismo, é intimidar e desmoralizar o Ocidente (realizando ações dentro de seu território) e, nos territórios dos países dominados pelo Islã, atrair as potências hegemônicas (principalmente os EUA) para uma guerra prolongada, com a finalidade de produzir desgaste nelas e em todos os seus aliados. (como exemplo: no Afeganistão e no Iraque).

### 2.2.3 Quanto às tipologias

De acordo com Melo e Neto (2002, p. 25 e 26) e Woloszyn (2009, p. 75-77), são vários os autores que adotam diversas tipologias para o terrorismo, aqui é relacionada uma lista mais completa, com base nos propósitos a serem alcançados:

- o político (ou também ideológico), cujo objetivo (um fim político) é cometer atos para derrubar ou depor um regime político, minando suas instituições, causando, assim um descontentamento na sociedade. Como exemplo têm-se os movimentos anarquistas do século XIX e os grupos que lutam para emancipação ou libertação de estados. Ele se subdivide em terrorismo de guerra e terrorismo de estado.

- o de guerra é aquele que empreende ações de sabotagem, sequestro de comandantes militares, assassinatos de líderes, para causar uma fragmentação, um desgaste – criar um clima de abalo psicológico. Por exemplo, grupos que lutaram pela libertação colonial (Argélia, Irlanda, etc.).

- o de Estado (o usado como arma do Estado e o de Estado propriamente dito), são aqueles atos patrocinados pelo estado para com sua população, cometendo crimes, repressão, etc. Tem-se como exemplo o praticado por Joseph Stalin na ex-URSS e por Adolf Hitler na Alemanha.

- o cultural – ações de violência e perseguição às minorias fragilizadas étnicas e culturais (Ex: os Curdos no Iraque, os negros nos EUA etc.).

- o religioso – atos de intolerância, discriminação, e atitudes hostis e violentas contra as minorias religiosas (Ex: Irlanda do Norte com os católicos e protestantes, os sunitas e xiitas etc.).

Com os avanços tecnológicos, surgiram novos tipos como:

– o ciberterrorismo – caracteriza-se pelos atos contra a rede mundial de computadores (internet), entrando na mesma e destruindo arquivos, descobrindo vulnerabilidades, e obtendo vantagens de informações estratégicas de governos, instituições privadas e estatais etc.

– o bioterrorismo – é quando se utilizam de armas biológicas ou bacteriológicas (gases infectantes, paralisantes, vírus, pragas agrícolas e pecuárias etc.). É uma grande preocupação das autoridades mundiais. Causa grande impacto, pelas mortes que proporciona, a um baixo custo.

– o Criminal – fazendo o acréscimo, ao rol acima, desse novo tipo de terrorismo, conforme o descreveu Woloszyn (2009, p. 157), caracteriza-se por ações que visam a eliminação de agentes públicos, sequestros, incêndios em veículos de transporte público, de forma a levar pânico na população, causando destabilização na segurança interna (por exemplo: os ataques do PCC<sup>11</sup> em São Paulo, em agosto de 2006, e os que se seguiram pelo CV<sup>12</sup> no Rio de Janeiro, em dezembro de 2006, usando o mesmo “*Modus Operandi*”).

#### 2.2.4 Quanto às motivações

Segundo Silva (2010, p. 285) e Woloszyn (2009, p. 12), há diversas terminologias para apresentar as motivações (justificativas, estímulos etc) dos terroristas, que acreditam

---

11 PCC – Primeiro Comando da Capital surgiu em 1993 na Casa de Custódia e tratamento de Taubaté/SP e tinha por finalidade dominar o sistema prisional com o tráfico de drogas, execuções sumárias e extorsões. Através de um sistema rígido de hierarquia, comando próprio, estatuto e planejamento, passaram a dominar o cenário do crime organizado em São Paulo, não somente nas casas prisionais. Possui ramificações em outros estados e atuações conjuntas com o Comando Vermelho/RJ. Há evidências de que realizam intercâmbio com o grupo terrorista Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) em negócios como o tráfico de armas e o narcotráfico (Woloszyn, 2009, p.157).

12 O Comando Vermelho (CV) surgiu entre 1965 e 1970 no Presídio Cândido Mendes – mais conhecido como Ilha Grande ou Caldeirão do Diabo – e tinha como objetivo se antepor aos constantes maus-tratos de presos. Posteriormente, com a organização e o conhecimento de presos políticos lá recolhidos a partir de 1970, durante o Regime Militar, pela Lei de Segurança Nacional, o grupo evoluiu para a primeira organização criminosa do Brasil. Possui atualmente cerca de 10 mil integrantes e controla o tráfico de drogas e a venda de armas em mais de 100 favelas do Estado do Rio de Janeiro (Woloszyn, 2009, p.158).

fortemente que os fins justificam os meios – sua crença e que o êxito da sua causa deve ser alcançado a qualquer custo, e isso os impulsiona (motiva) a agir para atingir os seus objetivos. Seu comportamento é direcionado para esse fim. As citações mais comuns e essenciais são aquelas que se referem às motivações de cunho religioso, nacionalista, revolucionária, político, separatista, cultural, ideológico ou até mesmo de simples necessidade de propaganda, para ter o reconhecimento internacional etc. (o que fez o Setembro Negro para a causa palestina, em Munique, em 1972).

Com as consequências advindas da globalização e do neoliberalismo, o terrorismo moderno sofreu e vem sofrendo profundas transformações, assim, aquelas motivações conhecidas, vem dando lugar a outras, que necessitam ser estudadas profundamente para que sejam conhecidas, pois o tema deixou de ser uma questão militar, para se tornar num problema policial e de segurança pública.

Conforme citou Woloszyn, acerca do terrorismo:

Agora não somente de cunho fundamentalista ou ideológico, mas bem próximo à delinquência comum, nutrindo-se de outros delitos transnacionais, os chamados crimes conexos, como o contrabando de armas, explosivos e munições, extorsões, narcotráfico, lavagem de dinheiro, redes de prostituição, sequestros, falsificação de documentos e corrupção. Também modificou alguns paradigmas, entre eles o fato de que qualquer pessoa, grupos ou organizações criminosas podem praticar uma ação terrorista sem necessariamente ser um terrorista ou integrar algum grupo (WOLOSZYN, 2009, p.14).

Whittaker (2005, p. 36-39) colocou que a ação dos terroristas segue uma lógica e uma estratégia política. Eles tentam justificar suas ações alegando sua exclusão da participação no processo político, uma certa insatisfação com a classe dominante e, a partir disso, qualquer fato pode precipitar uma ação violenta.

Muitos fatores contribuem para a ocorrência do terrorismo. Existem precondições e fatores permissivos que instigam o terrorista a agir.

A evolução (a modernização) da sociedade, que a tornou complexa, interconectada pelos novos e abundantes meios de comunicação etc., oferecem um terreno

fértil e permissivo para a publicidade almejada pelo terrorismo. Outro é a moderna urbanização, que torna as cidades um conglomerado de alvos potenciais, tanto para um ataque, como para o recrutamento de pessoas para a sua causa, com vários locais com grande concentração de pessoas.

Há também o fator social que se torna muito permissivo ao terrorismo. Ele se refere aos costumes sociais e tradições históricas, que acabam se tornando um costume político de determinado grupo se insurgir e empregar o terror contra o governo estabelecido, pregando o seu uso como algo politicamente e moralmente justificável (como exemplo: a Irlanda, que o usa desde o século XVIII).

O fator político mais evidente na categoria dos permissivos é a incapacidade ou falta de determinação do governo para combater o terrorismo. A carência de prevenção adequada por parte da polícia e dos serviços de inteligência permite o alastramento da conspiração. Uma vez que as organizações terroristas são pequenas e clandestinas, a maioria dos estados pode ser incluída na categoria permissiva. Ineficiência ou leniência são encontradas em ampla gama deles, menos nas ditaduras brutalmente eficientes (...), da mesma forma que os estados liberais modernos, no afã de protegerem as liberdades civis, restringem as medidas de segurança (WHITTAKER, 2005, p. 37).

Ainda, como discorreu Whittaker (2005, p. 40), como já citado anteriormente, em face da complexidade das motivações dos terroristas, há aquelas mais abrangentes, e que são fruto de contínuos estudos para se conseguir compreendê-las.

Neste contexto, também acrescentou Whittaker (2005, p. 40-46) que, de acordo com um ensaio (publicado pelo Centro de Pesquisa do Terrorismo) da Escola de Comando do Estado-Maior do Exército do EUA, a motivação para o terrorismo é classificada em três categorias: racional, psicológica e cultural – ocorrendo às vezes a combinação das três:

#### **a) Motivação Racional**

Está relacionada ao cálculo racional, em que são analisadas as melhores formas de alcançar os objetivos traçados com o menor custo possível (financeiro, psicológico ou social) e o maior efeito possível, usando o terrorismo ou outra forma mais eficaz. São avaliados os

riscos e as vulnerabilidades do alvo e, também, a sua capacidade defensiva. É similar à análise e à tomada de decisão de um comandante militar.

Esses objetivos podem ser confundidos com os do crime organizado que usa da violência para influenciar governos (por exemplo: alguns cartéis de drogas). É usado com certa frequência por insurgentes. Agem para influenciar (forçar) uma mudança de comportamento que atenda aos seus anseios. Não obedecem regras, não consideram ninguém inocente e não dispensam nenhum alvo (objetos, pessoas, instalações etc.).

Os terroristas clássicos atuavam de forma mais direta. Atacando diretamente a vítima, para que fosse produzido o resultado político almejado, já o terrorismo moderno utiliza mais o ataque indireto, de forma a atingir os estados que se tornaram mais burocráticos e democráticos, forçando os governos, pressionados pela sociedade, a cederem e fazerem concessões.

Em resumo, a motivação racional está relacionada com o custo/benefício. É feito todo um estudo e um planejamento, considerando todas as variáveis (riscos, objetivos, as condições locais etc.). Tudo tem que ser pensado, sob pena de suas ações não causarem o impacto almejado e ainda a sociedade se voltar contra;

#### **b) Motivação Psicológica**

É quando a pessoa passa a acreditar ferrenhamente naquilo que acredita, tornando-se um fanático. E o que o leva a isso são suas frustrações pessoais, sua insatisfação com a sua vida e com suas conquistas. Quem não comungar com suas ideias, torna-se um rival (o nós contra eles). Não aceita opiniões contrárias. Tentam convencer outras pessoas das suas convicções e atraí-las para o seu grupo – ao qual fazem questão de pertencer. São capazes de cumprir empreitadas determinadas pelo grupo para que tenham a aceitação nos mesmos.

Para manter a motivação desses grupos necessitam manter as atividades

terroristas, como forma de alimentar a autoestima e a legitimidade. Não toleram dissidências; não são adeptos de traições e de negociações; seus objetivos são de conquista quase inatingível, a fim de que o movimento não tenha a sensação de que cumpriu a missão e cesse sua razão de existência; e

### **c) Motivação Cultural**

Nessa, as pessoas são motivadas pela cultura a praticarem atos que são inacreditáveis para outras sociedades. Os costumes, as crenças, as tradições estão arraigadas nas pessoas e tem um grande efeito sobre seu comportamento. As culturas se constituem num forte componente de aglutinação de uma sociedade – que pode se ver ameaçada quando seus valores são questionados (religião, língua, nação, etnias etc.), o que fará disparar reações das mais diversas com a finalidade de não perdê-los.

Quando pertencentes a grupos, clãs, famílias etc., tendem a abraçar a causa defendida por eles de tal forma que sacrificam a própria vida, o que tem grande chamamento para as causas terroristas.

Nesse contexto, conforme pontuou Chalk (1996, p. 24), a religião é um dos componentes mais fortes, pois transforma-se em paixão; convicção de que são o caminho mais certo, tomando atitudes extremas para defendê-la ou difundi-la. Passam a ter a certeza de que estão amparados moralmente e até por uma força divina para agir em nome dessa religião, que representa não só o futuro, mas também o presente e o passado – e esses não podem ser perdidos.

## **2.3 Comportamento dos terroristas**

“Os indivíduos são atraídos para o terrorismo por meio de uma “lógica” especial

que é utilizada para justificar suas violências” (WHITTAKER, 2005, p. 47)

No viés psicológico, o comportamento dos terroristas está voltado para a lógica da violência e para isso são recrutados. Como bem relatou Whittaker (2005), sua personalidade os compele à agressividade, quando culpam os outros pelos seus fracassos – que são vistos como vilões, como contrários às suas convicções, por isso devem ser combatidos. Assim, sempre estarão à procura de um alvo para satisfazer esse sentimento interior de inferioridade.

Segundo Whittaker (2005, p. 52), já numa visão mais racionalista, os objetivos políticos são definidos de forma a equalizar as forças que se encontram desiguais, e os alvos tem um objetivo mais amplo e impactos mais profundos, não apenas imediatistas. Servem de instrumento para forçar uma mudança no “*status quo*”, para contribuir para o sucesso da causa.

Portanto, conforme Woloszyn (2009, p. 91 e 92), há uma posição distinta em relação ao uso da violência política, movida por motivos psicológicos, daquela movida por motivos racionais, que usa a violência política como um instrumento. O indivíduo primeiro se transforma em terrorista para depois se juntar a algum grupo terrorista para cometer atos terroristas.

De acordo com Whittaker (2005, p. 53), se o grupo terrorista não cometer atos terroristas ele está fadado ao insucesso e a não sobreviver. Ele terá que estar sempre procurando um objetivo para manter sua sobrevivência. Se sua causa for alcançada na sua plenitude, sua motivação será extinta e sua sobrevivência estará seriamente ameaçada. Ele tem que ter sucesso nos seus ataques e no discurso da legitimidade de seus atos, para conseguir cooptar seguidores e sobreviver, mas não pode ter sucesso pleno para que sua causa não se esgote.

De acordo com o comentário de Whittaker (2005),

A linha de argumentação bastante determinista de Post termina com uma declaração sombria. “Os terroristas, cujo único senso de identidade provém do fato de serem terroristas, não podem ser forçados a desistir do terrorismo; se o fizessem, estariam perdendo a própria razão de suas existências” (WHITTAKER, 2005, p. 54).

Conforme discorrido por Buzanelli (2010, p. 36) e Woloszyn (2009, p. 28), a estratégia é realizar ataques que causem os maiores danos possíveis, para intimidar e desmoralizar, servindo, ao mesmo tempo, para divulgar sua causa e atrair novos adeptos. Pertencem ao considerado novo terrorismo (Al Qaeda, Jihad Islâmica na Palestina, Hamas, etc.), onde seus componentes são pessoas insuspeitas – que residem no ocidente, são em sua maioria esclarecidos e até intelectuais – e foram recrutados para servir à causa, conforme se tem visto nos dias atuais (constantemente divulgado pelos meios de comunicação).

Especificamente em relação ao EI, acompanha-se, com constância na mídia, a apologia à violência e ao terror. São divulgados vídeos pela internet e demais veículos de comunicação demonstrando toda sua barbárie (degolamentos, fuzilamentos etc.), fazendo com que o mundo tome conhecimento das imagens em curto espaço de tempo – funcionando como uma grande arma de propaganda e contribuindo para a cooptação e recrutamento de novos adeptos.

Nessa direção, comentou Mello e Neto (2002, p.139), que a adesão à causa terrorista está cada vez mais preocupante, pois não são apenas os muçulmanos fanáticos (extremistas) que aderem, mas muitos estão se tornando adeptos das causas do terror por se identificarem com o combate ao poder hegemônico dos EUA, com a luta dos povos oprimidos e um repúdio à globalização, chegando a atribuir ao terrorismo uma causa libertadora e revolucionária (elevando-o a uma grande causa, não só ligada ao fanatismo). Assim, muitos jovens insatisfeitos com sua situação (frustrados, desempregados, infelizes, e excluídos do mundo) atribuem à globalização, protagonizada pelas grandes potências hegemônicas, a responsabilidade principal pela miséria e pobreza no mundo.

### 2.3.1 Formas de atuação

Como já visto anteriormente, ao longo da história, as formas de atuação dos terroristas foram se modificando e evoluindo, acompanhando o desenvolvimento observado pela humanidade em todos os aspectos: tecnológico, social, político, militar, econômico etc.

São várias as formas de atuação de um grupo de terrorista ou de um terrorista individual, segundo Woloszyn (2009, p. 79), sempre tendo como objetivo causar medo, pânico e disseminar o terror.

Para o terrorista, o principal instrumento para a realização das suas ações é a imaginação. Assim, sua forma de atuação torna-se muito imprevisível, dificultando sobremaneira a prevenção.

De acordo com Woloszyn (2009, p. 83 e 84), para que o terrorista tenha sucesso, um atentado conta com três fases:

- 1) fase preparatória – organização, recrutamento, treinamento, equipamentos, inteligência, planejamento, seleção dos alvos e contrainteligência;
- 2) fase de crise – reunião dos componentes e ações necessárias até a execução do plano; e
- 3) fase de consequências – executado o plano, ocorre a avaliação da ação e evasão do país (ou permanece no país e planeja outro ataque).

Em resumo, sua estrutura organizacional pode basear-se em grupos adequadamente treinados e equipados, bem como em pequenas células que agem de forma descentralizadas, muitas vezes por conta própria – “Lobos Solitários”<sup>13</sup>, que podem ter atuações nacionais, regionais e internacionais.

---

<sup>13</sup> Segundo Stern (2004, p.153), os “Lobos Solitários” são os terroristas que não pertencem diretamente a um grupo terrorista, mas agem isoladamente (sozinhos) motivados por alguma ideologia. Utilizam a internet para se comunicar. Atualmente, muitos simpatizam com o Estado Islâmico e a sua causa

Conforme discorreram Paniago et al (2007, p. 18), Raposo (2007, p. 45-52) e Woloszyn (2009, p. 80-82), podem ser classificadas como seletivas e indiscriminadas. A primeira contra alvos especificamente selecionados pela importância (pessoas, bens patrimoniais, grupos de pessoas etc.), a segunda, atingem qualquer alvo sem distinção, com a principal intenção de causar o maior impacto possível (similar ao de uma catástrofe). Dentre elas pode-se citar as mais observadas ao longo do tempo:

- Assassinatos de pessoas importantes e influentes, com a finalidade de provocar pânico nas demais autoridades, ou para divulgar a causa perante a mídia – quando fazem decapitação ou execução diante das câmeras;

- Uso de artefatos explosivos contra edificações selecionados, pelo valor simbólico dos alvos;

- Sequestros de pessoas influentes, para obter a libertação de terroristas presos, pagamento de resgate etc.;

- Ações incendiárias em prédios, em pessoas, veículos, criando um clima de comoção nas pessoas etc.;

- Sequestros ou derrubada de aeronaves (com tiros, mísseis, explosivos, etc.). Muito usado para fazer trocas por prisioneiros terroristas, como ocorreu na década de 1970;

- Agentes químicos, nucleares ou bacteriológicos, para causarem danos em muitas pessoas;

- Cartas-bombas, normalmente enviadas a pessoas importantes, a fim de causar apreensão nas demais;

- Homens-bomba, carro-bomba e mulheres-bomba<sup>14</sup>, que causa grande destruição

---

14 Tem se registro de que esse forma de terrorismo tenha sido utilizadas em torno de 1.100 por uma seita sunita chamada Alamut. Nos dias atuais é muito utilizada pelos terroristas árabes, que acreditam que ao se explodirem, irão para o paraíso, onde terão setenta virgens os aguardando, além de palmeiras, cachoeiras e almofadas bordadas a ouro. Disponível em: <<https://tiaocazeiro.wordpress.com/tag/fortaleza-de-alamut/>>. Acesso em: 28abr2016

e é a mais usada e preferida pelos terroristas, por causa do impacto que causa;

– Sabotagens, que consistem em mostrar à população a fragilidade do poder constituído, por meio de ações violentas que causam destruição, desorganização etc., em instalações públicas e privadas;

– Ataques com armas automáticas (fuzil, metralhadora etc.) a pessoas comuns (civis) em locais com grande concentração (por exemplo: shoppings, teatros, passeatas, boates etc.), conforme se tem acompanhado pela mídia ultimamente; e

– Ataques cibernéticos – nova forma de atuação, segundo Junior (2010, p.71), com ataques a computadores e redes interligadas, atingindo as infraestruturas e serviços essenciais, causando grandes prejuízos à população, às empresas, às infraestruturas, à economia de um país etc.

Essas manifestações acima não esgotam o elenco de possíveis ações dos terroristas. Em face do seu dinamismo e complexidade, e considerando um dos fatores mais importantes: a imaginação, a todo momento surge uma nova forma de atuação, o que corrobora a sua característica de imprevisibilidade e dificulta sobremaneira a prevenção. Pode-se citar como exemplo: um ataque com elemento radioativo (nuclear), usando uma “bomba suja”<sup>15</sup>, ou utilizando um Veículo Aéreo Não Tripulado (VANT), também chamado de Drone, como transporte para uma carga explosiva, química ou biológica.

### **2.3.2 Seleção dos alvos**

De acordo com o já comentado e também colocado por Woloszyn (2009, p.78 e 85), na atualidade, depois das ações de 11 de setembro de 2001, houve sensível mudança na

---

<sup>15</sup> Segundo Raposo (2007, p. 47 e 48), bombas sujas são artefatos explosivos convencionais utilizados para espalhar material radioativo, a fim de provocar contaminação e pânico generalizados (essa contaminação atingirá uma área de vários quilômetros).

forma de agir dos terroristas. A fase de planejamento, a forma como entram no país-alvo e as medidas de sigilo continuam as mesmas do terrorismo tradicional, mas a seleção do alvo sofreu substancial mudança. Alguns são selecionados próximo do momento do ataque, de forma aleatória, aproveitando o princípio da oportunidade, outros são previamente definidos pelas lideranças da causa.

Como bem discutido neste capítulo, a escolha do alvo visa sempre causar o maior impacto possível, com muita destruição, muito prejuízo, pânico, grande número de mortos e feridos, a fim de atrair a atenção e ter a maior publicidade possível.

Os alvos serão selecionados de acordo com a forma de atuação escolhida e as vulnerabilidades percebidas, além da causa em questão. Segundo Barreto (2007, p.70), um exemplo seria um ataque cibernético, que tentaria atacar as infraestruturas críticas, como o sistema elétrico, o sistema financeiro, transportes, tráfego aéreo, os sistemas governamentais, etc. Já um ataque para uma grande destruição e um grande número de mortos e feridos, utilizaria artefatos explosivos ou bombas sujas, armas automáticas etc. Procuraria explorar prédios públicos, locais com grande concentração de pessoas, transportes coletivos etc. Se a intenção for um sequestro para obtenção de resgate, ou assassinatos, o alvo provavelmente seria uma autoridade ou pessoa muito influente no cenário político/econômico de um país.

Como conclusão parcial, em face da complexidade desse tema, do dinamismo e da dificuldade de consenso, com diversas interpretações acerca de suas características – que até se confundem –, fez-se mister que se conhecesse e compreendesse suas diversas peculiaridades (referenciais teóricos, o que querem, como pensam, o que sentem, o “*Modus operandi*”, como se comportam, como atuam, como selecionam seus alvos etc), para melhor se conseguir chegar ao objeto desse estudo.

Assim, os assuntos correlatos e a fundamentação teórica enunciados e

identificados neste capítulo, com base no histórico do atentado recordado no capítulo três, muito contribuirão para que se compreenda com mais substância as características do terrorismo e dos seus agentes naquele atentado, proporcionando, dessa forma, que se alcance, de forma mais consubstanciada, o objetivo principal almejado.

Verificou-se que as ações nele ocorridas foram típicas do que se conceitua terrorismo internacional, também dessa forma classificado quanto à sua dimensão espacial, tendo em vista ter cruzado fronteiras e ocorrido em outro país (coadunando com o tema deste trabalho); que o objetivo foi claramente definido como obtenção de autonomia política, reconquistar seu território e divulgar a sua causa para o mundo – dando publicidade; quanto à tipologia, que foi político/ideológico/religioso (uma rivalidade secular entre os povos daquela região); quanto às motivações, que foram ter reconhecimento internacional para a causa palestina, onde tiveram um comportamento racional e político, pois queriam equalizar as forças com Israel e forçar uma mudança no “*status quo*”, a fim de contribuir para o sucesso da causa; comportaram-se como típicos terroristas que querem causar medo, pânico e terror, por meio do uso da violência; atuaram de forma seletiva (com o sequestro de atletas do Estado rival – Israel), tendo sido os alvos bem selecionados e definidos de acordo com a sua causa, com a forma de atuação, e as vulnerabilidades observadas.

No próximo capítulo será recordado o histórico do Atentado de Munique em 1972, a fim de se conhecer e compreender aquele episódio e contribuir para se alcançar os objetivos intermediários e principal deste estudo.

### **3 O HISTÓRICO DO ATENTADO**

Como o objetivo (intermediário) deste capítulo é enunciar as falhas observadas e identificar as lições aprendidas por aquele fato histórico, para depois explicar os seus desdobramentos para a MB, de forma a contribuir para o enfrentamento do terrorismo internacional nos grandes eventos, então, a seguir, serão recordados minuciosamente todos os fatos ocorridos naquele atentado.

#### **3.1 Contextualização**

Antes de se iniciar a recordação do Atentado de Munique, também chamado de “O massacre de Munique”, foi feita uma contextualização, constante no ANEXO B, a fim de se conhecer a origem da Organização Setembro Negro, pertencente a um ramo violento da “Al Fatah”, uma das facções da Organização para Libertação da Palestina (OLP), cujos agentes terroristas praticaram as ações naquele episódio

##### **3.1.1 O sequestro**

Segundo discorreram Groussard (1975), MUNIQUE... (1999), MUNIQUE (2005), Klein (2006) e Reeve (2011), num sábado, 26 de agosto de 1972, às 15h teve início a cerimônia de abertura dos XX Jogos Olímpicos de Munique (Capital da Bavária<sup>16</sup>). Eram os jogos da paz e da alegria – era para ser o evento da felicidade – com mais de sete mil atletas,

---

<sup>16</sup> A Bavária (em latim) é um estado livre (com identidade própria). É um dos 16 estados federais da Alemanha. Localizado no sudeste do país, sendo o maior estado alemão. Sua capital é Munique – a terceira maior cidade da Alemanha. Disponível em: <<http://dasaxoniaabaviera.blogspot.com.br/2012/04/um-pouco-de-historia.html>>. Acesso em: 26mar2016.

com o recorde de 121 delegações. Tudo foi preparado pelos alemães para apagar as cicatrizes e o passado negro da Alemanha nazista. Havia a intenção de mostrar a reabilitação da Alemanha após os XI Jogos Olímpicos de Verão de 1936, que foram usados por Hitler para propagar todo o seu ódio e discriminação. Todos os alemães (governo, funcionários, cidadãos, imprensa etc.) faziam todos os esforços para mostrar uma nova Alemanha educada, culta e progressista, que de longe nem lembrava aquela da era de Hitler.

A participação da Delegação Israelense era de vital importância para a intenção alemã e, para os judeus, mostrava que a crueldade nazista não conseguiu apagar o espírito judeu.

Os dezessete dias dos Jogos teria um recorde de cobertura, com mais de 4 mil profissionais da imprensa (jornalistas, profissionais do rádio, etc.), com transmissão ao vivo, que naquela época era uma verdadeira maravilha tecnológica. Determinados eventos contariam com mais de um bilhão de espectadores, de mais de cem países – pois seria o evento principal no mundo, que naquele momento não contava com guerras ou conflitos ocorrendo.

A intenção da Alemanha de passar a mensagem de paz, de uma nova Alemanha, muito distante da antiga ligada à violência, e onde Adolf Hitler usou o esporte (nas Olimpíadas de 1936) para fazer propaganda nazista, fez com que evitassem que o mundo os visse portando armas; reduziram o gasto com segurança ao mínimo; os guardas fardados eram pouco visíveis, usando quase sempre disfarces – tudo isso para não manchar os jogos e denegrir essa imagem que queriam propagar, o que facilitou, sobremaneira, os planos do grupo Setembro Negro.

Quase três meses antes daquela Olimpíada, o chefe da Delegação Israelense, Shmuel Lalkin, havia exposto todas suas preocupações sobre as medidas de segurança para os

Jogos Olímpicos. Questionou com as autoridades policiais, responsáveis pela segurança dos jogos, sobre a localização, vulnerabilidades e insegurança dos dormitórios da delegação de Israel, que estavam situados no nível da rua, solicitando uma possível remoção para um prédio que fosse mais seguro, com andares mais altos, facilitando, assim, a adequada supervisão de todas as entradas.

Nem mesmo suas advertências aos Órgãos de Israel, responsáveis pela segurança, acerca do risco que corriam os atletas, foram atendidas. Houve grande negligência do sistema de defesa israelense referente à proteção da delegação olímpica, embora, à época, o Estado de Israel estivesse sob uma sucessão de ataques, com sequestros frequentes de aviões e israelenses sendo visados pelos terroristas, além das diversas informações recebidas pelo sistema de defesa (Inteligência Militar, Shabak<sup>17</sup> e Mossad<sup>18</sup>) de que um plano de um grande ataque na Europa estava em andamento, mas ninguém ligou o fato aos jogos olímpicos.

Entre os componentes da delegação de Israel havia uma percepção de que a segurança não estava sendo adequadamente tratada pelos responsáveis, tanto de Israel, quanto da Alemanha.

Desde sua partida de Israel para Munique, em 21 de agosto, observou-se que não havia uma preocupação maior, além da rotineira, acerca da segurança. Na palestra que a delegação teve no Instituto Wingate<sup>19</sup>, dias antes de partir, que era o Centro Nacional para Educação Física e Esportes, ouviu-se orientações padronizadas, que eram recebidas

---

17 "Serviço de Segurança Geral", conhecido pela sigla Shabak; oficialmente, Agência de Segurança de Israel (ASI) e comumente referida como Shin Bet ou Shin Beth. é o serviço de segurança interna de Israel. Seu lema é "*Magen Velo Yera'e*" (em hebraico, literalmente: "defender sem ser visto", ou melhor, "o escudo invisível"). É uma das três principais organizações da comunidade de inteligência de Israel, ao lado da Aman (inteligência militar da FDI) e do Mossad (responsável pelo trabalho de inteligência no exterior).

18 Mossad – é o *Instituto para Inteligência e Operações Especiais* - é o serviço secreto do Estado de Israel, com sede em Tel Aviv. Foi formado em 13 de dezembro de 1949, a partir do Instituto Central de Coordenação e do Instituto central de Inteligência e Segurança. É um serviço civil que obedece diretamente ao Primeiro Ministro de Israel e não emprega comandantes militares, apesar de, frequentemente, realizar atividades conjuntas com as Forças de Defesa de Israel.

19 O Instituto Wingate, Centro Nacional de Educação Física e Desporto de Israel, foi inaugurado em 1957 e tem esse nome em homenagem ao Major General Charles Orde Wingate, "O Amigo". Disponível em: <<http://apcupkravmaga.jimdo.com/estado-de-israel-wingate-institute/>. Acesso em: 26mar2016.

costumeiramente pelos atletas por ocasião dos eventos externos, o que corroborava o desconforto que a delegação sentia, pois notava-se que tudo era tratado como se estivesse reinando o controle e a ordem, com o relaxamento e a falta de zelo para com a questão da segurança. Tinham medo de que pudessem sofrer um ataque por ocasião até das suas apresentações, pois a falta de segurança na vila, o número de trabalhadores palestinos etc., muito incomodavam a todos da delegação.

Toda essa preocupação era mais forte ainda no Chefe da delegação, que desde o início alertou as autoridades israelenses, chegando a solicitar ao Oficial de Segurança da Embaixada de Israel que lhe fosse concedida uma arma, o que lhe foi negado.

Devido a essa insegurança reinante, os israelenses eram um alvo em potencial, o que poderia motivar os grupos terroristas palestinos a atacá-los a qualquer momento e em qualquer lugar.

A pergunta do porquê do grupo Setembro Negro ter escolhido os Jogos de Munique para o seu grande ataque foi claramente respondida pelo líder Abu-Yad:

Em seu livro, *Stateless*, Abu-Iyad mais tarde escreveu que a operação tinha três objetivos. Um era “apresentar a existência do Povo Palestino a todo o mundo, gostassem ou não”. Outro era “assegurar a libertação de duzentos combatentes palestinos das prisões israelenses”.

O terceiro, num claro resumo da lógica dos terroristas era: “usar a mídia reunida numa cidade, canais em número sem precedentes, para exibir a luta palestina – para o melhor e para o pior!”. (KLEIN 2006, p. 37).

Ficou evidente que os objetivos quase foram alcançados na sua totalidade, exceto a libertação dos 200 combatentes palestinos, mas o desfecho do atentado foi pior do que se imaginava, com as diversas mortes que ocorreram.

Para o início da missão, um casal de palestinos, aparentando meia idade, bem vestidos, que trabalhavam como “*saya'an*”<sup>20</sup> (ajudante), que não tinham conhecimento sobre a missão, agiam apenas como mensageiros, chegaram no aeroporto de Colônia, na Alemanha, com quatro malas pesadas. Ao passarem para a checagem na alfândega, um policial solicitou-lhes

---

20 *Saya'an* – que em hebraico significa Ajudante. (KLEIN, 2006, p. 35)

que saíssem da fila para se dirigirem para inspeção. Os dois ficaram muito nervosos e o homem começou a reclamar em voz alta, negando-se a abrir as malas, alegando se tratar de um homem de negócios, e jamais um criminoso – situação essa costumeira dos indivíduos com culpa, e já bastante conhecida dos policiais, foi então escolhida uma das quatro malas e aberta pelo palestino, onde encontravam-se diversas peças de *lingerie*. Foi-lhe mandado fechar a mala e seguir adiante, deixando-se de inspecionar as outras três malas, que continham oito rifles AK-47<sup>21</sup>, vários pentes carregados com munição calibre 7,62mm, além de várias granadas de mão.

Conforme Klein (2006), a partir dali, os Ajudantes levaram o material para o local combinado, seguindo à risca as orientações do Setembro Negro, cuja alta cúpula muito comemorou o sucesso do início da missão, que estava seguindo tudo conforme planejado.

De acordo com o planejamento, agiriam no décimo dia dos Jogos Olímpicos, pela manhã, exatamente 5 de setembro de 1972.

Na noite de 4 de setembro, a delegação de Israel havia ido a um teatro ver uma peça (O violinista no telhado, em alemão, cujo papel principal era do famoso ator israelense Shmuel Rodensky), voltaram de ônibus para a Vila Olímpica em total descontração.

Enquanto eles se divertiam, oito terroristas palestinos (viajando sozinhos ou em duplas) desembarcaram na estação central de Munique, que ficava a apenas dez minutos de caminhada do teatro, e foram jantar. Estavam se vendo pela primeira vez, e nessa reunião tomaram conhecimento e traçaram os detalhes do ataque.

Haviam chegado em grupos, dias antes, à cidade de Munique, em dois voos diferentes, usando passaportes jordanianos falsos e com vistos alemães falsificados. Ficaram

---

21 AK-47 – sigla de denominação russa Avtomat Kalashnikova Obrastsa 1947 goda (Arma Automática de Kalashnikov modelo de 1947) – fuzil de calibre 7,62 mm criado em 1947 por Mikhail Kalashnikov e produzido pela indústria da ex-URSS IZH. Disponível em: <<http://www.sociedademilitar.com.br/wp/2016/05/ak47.html>. Acesso em: 26mar2016.

em pequenos hotéis e pensões no centro, e andaram pela cidade agindo como simples visitantes.

Dos oito terroristas, seis foram inicialmente selecionados dentre cinquenta jovens oriundos dos campos de refugiados palestinos no Líbano, que foram treinados (a atirar com rifles de assalto AK-47 e lançar granadas de mão) pelo Fatah na costa mediterrânea, próximo de Beirute. Após esse treinamento inicial, foram enviados para um acampamento no meio do deserto da Líbia, onde suportaram horas de treinamento intensivo, em julho, num calor escaldante, um mês antes do início dos jogos. Os outros dois eram o Comandante da operação e o segundo no Comando, que falavam bem o alemão e acompanharam a construção da vila, estudando suas vulnerabilidades, além de serem ajudados por estudantes palestinos das universidades alemãs, que nada sabiam e nem perguntavam sobre a missão.

Após jantarem na estação central, pouco antes da meia noite, dirigiram-se ao guarda volumes, onde apanharam as armas deixadas ali, havia uma semana, pelo casal palestino. Voltaram para os seus hotéis, vestiram moletoms vermelhos, parecidos com os dos atletas olímpicos e dirigiram-se de táxi para a Vila Olímpica, onde, às 4:10h, saltaram a cerca da vila, aproveitando da companhia de alguns atletas que faziam o mesmo, retornando bêbados, às escondidas. Caminharam até o prédio dos israelenses, para o início da operação, com bolsas de atletas e com as armas escondidas sob os casacos, sem serem importunados, apesar de terem sido considerados suspeitos pelos funcionários do correio que viram a invasão e comunicaram o fato, mas nenhuma ação foi tomada.

A operação iria se chamar *Ikrit e Biram*, em alusão a duas cidades cristãs situadas perto da fronteira israelense com o Líbano, de onde os moradores tinham sido expulsos em 1951, pelos israelenses, prometendo um retorno quando a situação de segurança assim o permitisse, além, também, de servir como símbolo do desejo palestino de voltar à terra natal,

que os israelenses haviam lhes tirado.

Segundo Reeve (2011), a delegação estava alojada em cinco apartamentos. No 1.º técnicos e juízes; no 2.º os esgrimistas, atiradores, do atletismo, saltos e lançamentos; no 3.º os levantadores de peso e lutadores; no 4.º, o médico; e no 5.º, o chefe da delegação. Havia ainda as mulheres, cujos dormitórios ficavam distantes dos alojamentos dos homens, e 2 velejadores que ficavam em Kiel, no norte da Alemanha, onde ocorriam as provas de vela.

Ao chegarem à porta (que ficava sempre aberta) que levaria ao apartamento 1, do número 31 da Connollystrasse (onde estavam hospedados sete técnicos e juízes israelenses), e fazerem barulho tentando encaixar a chave (possuíam uma cópia) na fechadura, acordaram o Juiz internacional de luta, de quarenta anos, com mais de 1,80 m e quase 130 quilos, Sr. Youssef Gutfreund, fazendo com que se dirigisse para a porta. Neste momento, os terroristas conseguiram abri-la, encontrando-se de cara com ele, que estava descalço, de cuecas, e que instantaneamente viu se tratar de terroristas (estavam armados e mascarados), gritando para os demais seis homens que dormiam no quarto para que corressem, jogando todo o peso do seu corpo e usando toda sua força para bloquear a porta, com a intenção de ganhar tempo para que seus amigos fugissem. Durante a luta, o treinador de levantamento de peso Tuvia Skolsky, levantou-se e, ao ver o episódio, fugiu correndo e se jogou na janela de vidro duplo, cortando-se, e correndo pelo jardim até se esconder atrás do prédio, enquanto os terroristas, que haviam conseguido entrar, atiravam contra ele, quase o acertando. Por ironia, ele seria o único daquele apartamento que sobreviveria.

Após isso, os terroristas reuniram os seis reféns do apartamento 1 e os amarraram. Dentre eles havia um que tinha acabado de chegar de um evento externo com os amigos. Tratava-se de Weinberg, técnico de luta, que se jogou sobre o líder Issa (Jesus em árabe) e, ao cair, antes que lhe tomasse a arma, recebeu um tiro na bochecha direita, disparado por um

outro terrorista do grupo, que a atravessou, fazendo com que jorrasse muito sangue, mas não o matando e nem afetando o seu raciocínio. Logo a seguir levaram todos os reféns para o quarto do segundo andar, onde tiveram os punhos e tornozelos amarrados.

De acordo com Groussard (1975), o líder e mais dois terroristas com máscaras ficaram com os reféns, o segundo no comando, juntamente com mais quatro terroristas, pegou Weinberg e foram para os outros quartos procurar os demais israelenses. O técnico os levou ao apartamento 3, que hospedava os lutadores e levantadores de peso, imaginando que, por serem fortes, poderiam tentar atacar os terroristas, evitando o apartamento 2, onde se encontravam os atletas de campo e pista.

Dominaram os atletas que ocupavam os dois andares daquele prédio, arrancando-os da cama, e levando-os para o primeiro andar; após isso, fizeram uma varredura em todos os cantos à procura de mais israelenses, levando-os, a seguir para o apartamento 1, onde de encontravam os demais.

Alguns lutadores demonstraram a intenção de atacar os terroristas, mas esses perceberam e os frustraram.

Um dos lutadores, Gad Tsabari, num descuido dos terroristas, correu e desceu a escada até a garagem subterrânea, sob tiros disparados por um dos terroristas que o seguiu, mas, felizmente, ele não foi atingido e conseguiu escapar.

O técnico Weinberg, aproveitando da confusão tentou tomar a arma de um dos terroristas, mas tomou uma rajada no peito e morreu imediatamente.

Os tiros acordaram a vila, e muitos olhavam pelas janelas, estarecidos, o corpo ensanguentado do técnico na calçada, do lado de fora do apartamento 1, onde se encontravam todos os reféns.

Conforme Klein (2006), o Gerente de segurança (já por volta das 4:50h) foi

alertado e mandou um guarda ao local para averiguar o que estava acontecendo. Ao ver o corpo e um terrorista armado nas proximidades, tentou com o mesmo obter informações do que estava acontecendo e, não obtendo, avisou pelo walkie-talk os seus superiores do ocorrido.

O chefe da delegação (Lalkin), que também tomou ciência do ocorrido, correu para o único telefone disponível nas acomodações dos israelenses (num sala do primeiro andar) e ligou para o hotel onde se encontravam os jornalistas israelenses e os funcionários dos jogos e pediu que ligassem para Israel avisando que terroristas haviam feito vários membros da delegação como reféns. Enquanto isso, na sala onde se encontravam os reféns, um deles, mesmo usando muletas (o lutador Yossef Romano), agarrou-se com um terrorista, jogou-o ao chão, conseguindo pegar sua arma, mas subitamente outro terrorista desferiu-lhe um tiro mortal, deixando seu corpo no meio da sala.

Logo após as 5h, o Chefe geral da polícia de Munique (Schreiber), responsável pela segurança dos jogos, determinou o isolamento dos dormitórios dos israelenses e o fechamento dos portões da vila, não deixando que ninguém entrasse ou saísse.

Ligou para o Ministro do Interior da Bavária (Merk), que por sua vez avisou ao Ministro do Interior da Alemanha (Hans-Dietrich Genscher) sobre o ocorrido. O Prefeito da Vila (Walter Troeger) foi acordado e levado para o local dos acontecimentos. A partir daí todo o alto escalão foi informado e a Vila acordou com uma intensa movimentação de policiais, ambulâncias e caminhões militares.

Segundo MUNIQUE... (1999), a vila foi tomada por repórteres. A mídia internacional passou a noticiar incessantemente todos os acontecimentos. Havia uma incerteza em relação ao número de reféns, sabendo-se, até aquele momento, da morte de apenas um deles, o que foi esclarecido, quando foram localizados os atletas que se encontravam no

apartamento dois, e também Tsabari e Skolsky, que haviam fugido dos terroristas. Assim, passaram a ser considerados dez reféns israelenses e dois mortos, já que os terroristas acabaram revelando que havia mais um morto e se negaram a revelar sua identidade e a deixar que o corpo fosse removido.

Logo se descobriram as exigências dos terroristas. Eles distribuíram uma lista com 236 prisioneiros, dos quais exigiam a libertação. Desses, 234 estavam em prisões israelenses, onde constava o terrorista japonês que participara do atentado no aeroporto de Lod, e os outros dois eram os guerrilheiros urbanos Ulrike Meinhof e Andreas Baader, que estavam em prisões alemãs e pertenciam à Fração Exército Vermelho<sup>22</sup>, que muito aterrorizava a Alemanha. Eles ameaçavam executar um refém a cada hora se os prisioneiros não fossem soltos até as 9h e transportados para um país árabe – e que só depois disso libertariam os reféns israelenses.

### 3.1.2 As negociações

Segundo Klein (2006), era sabido que o prazo não poderia ser cumprido e os funcionários alemães não tinham *Know-how* para negociar numa situação com reféns, por isso só pensaram em dilatar o prazo. Porém, uma policial (Analiese Graes) da Bavária se ofereceu para servir de intermediária entre os funcionários da Vila e o líder terrorista (Issa) e combinou um encontro com ele fora do apartamento número 1.

Por volta das 8:45h chegaram para o encontro o Chefe da polícia de Munique; o prefeito da Vila Olímpica; e o delegado egípcio junto ao Comitê Olímpico Internacional.

---

<sup>22</sup> O grupo Fração do Exército Vermelho, organização de guerrilha de extrema-esquerda criada na Alemanha Ocidental (atual Alemanha) em 1970, também conhecido como *Baader-Meinhof*, manteve-se em atividade até o ano de 1998, quando foi dissolvido. Entre as organizações paramilitares europeias no período posterior à Segunda Guerra Mundial, foi a mais notável, descrita como um grupo de guerrilha urbana contrário ao imperialismo e adepto à ideologia comunista. Altamente engajados na luta armada, tinham o objetivo de destruir o que chamavam de “Estado fascista”, segundo Whittaker (2005, p. 322).

O líder desceu e impressionou a todos pela frieza, autocontrole e forma educada, mas, mesmo assim, mantinha uma granada nas mãos, pronta para ser acionada a qualquer momento.

Os alemães não tinham protocolos e nem sabiam como proceder. Precisavam conseguir mais prazo ao líder Issa, que acabou estendendo o prazo até o meio-dia, depois do delegado egípcio, ter entrado na negociação usando a sua língua árabe.

O Ministro do interior da Alemanha Ocidental vendo a determinação dos terroristas, e que sua causa era ideológica, estando dispostos a se tornarem mártires, após recusarem grande soma em dinheiro para libertar os atletas, tentou convencer o líder a levá-lo no lugar dos reféns, lembrando o que o Terceiro Reich fez com os judeus e que nada parecido poderia acontecer com eles novamente na Alemanha, mas, infelizmente tudo foi inútil, ele não mudou de ideia.

Enfim, perto das 11h, foi montado um comitê oficial para lidar com a crise, mas ninguém sabia como negociar, estavam perdidos, principalmente porque os terroristas estavam determinados a cumprirem a sua missão e jamais ceder, tornando-se mártires, se necessário fosse, a exemplo dos Kamikases japoneses na Segunda Guerra Mundial – terroristas suicidas não era algo normal no início dos anos 1970.

Havia impasses na situação, os terroristas queriam que os prisioneiros fossem soltos e não estavam dispostos a recuar, por outro lado, as autoridades israelenses não libertariam os prisioneiros – não cederiam à extorsão dos terroristas – e queriam que os jogos fossem suspensos até que a crise se encerrasse, o que foi negado pelos alemães. Assim, ocorreu a partida de volei entre os japoneses e os alemães ocidentais, como se nada estivesse ocorrendo no apartamento 1, onde estavam os reféns amarrados (com fome, sede, medo etc.) e o corpo do amigo morto.

Devido à pressão de Israel, que se tornou internacional, o Comitê Olímpico Internacional e as autoridades alemãs acabaram suspendendo os jogos e realizando uma cerimônia em memória dos dois mortos.

Conforme Reeve (2011), após tomar conhecimento dos fatos e sobre o atentado, e se reunir emergencialmente com seu gabinete de defesa, a Primeira-Ministra de Israel (Golda Meir) determinou que o Ministro da Defesa (Moshe Dayan) e o Comandante do Mossad (Zvi Zamir) fossem o mais breve para a Alemanha. O Ministro da Defesa insistiu que o Chefe do Setor de Interrogatório do Shabak, que havia estudado profundamente sobre as expectativas dos sequestradores do aeroporto de Sabena ocorrido quatro meses atrás.

Ao término da reunião também foi determinado ao Embaixador de Israel na Alemanha Ocidental (Eliashivben-Horin) – que seria o primeiro representante oficial na megaoperação – para que apresentasse determinados pontos como o posicionamento oficial de Israel às autoridades alemãs:

- “1. O governo israelense não negocia com terroristas. A responsabilidade de lidar com a crise recai sobre a Alemanha Ocidental. O governo israelense espera que o governo alemão faça tudo a seu alcance para libertar os reféns.
2. Israel entenderá se for prometida liberdade aos terroristas, desde que isso ajude a libertar os reféns.
3. Israel aqui afirma sua confiança na Alemanha Ocidental e está certo de que o governo fará tudo a seu alcance para garantir a segurança de todos os reféns.” (KLEIN, 2006, p. 58).

Os diálogos entre os governos de Israel e Alemanha Ocidental não fluíram tranquilamente, fruto das lembranças do passado.

Em contatos entre a Ministra Golda Meir e o Chanceler alemão Willy Brandt, ela deixou bem claro a posição de Israel de não negociar com os terroristas e de que o governo alemão era o total responsável – o que não foi contradito por ela – que ainda expressou suas condolências pela morte de Wemberg.

A Constituição Federal alemã, que aparentemente não era de pleno conhecimento dos Israelenses, limitava a ação do governo alemão, pois somente os bávaros poderiam

constitucionalmente resolver a crise que acontecia. No estado Bávaro o governo federal não tinha autoridade para dar ordens, assim, as ofertas de envio de Comando a Munique foram recusadas pelos alemães.

A fama germânica de ordem, organização, precisão e eficiência dava uma certa segurança aos líderes israelenses de que eles resolveriam a crise da melhor maneira possível, sem saber que eles não tinham uma unidade treinada antiterror e nem poderiam atuar, devido à Constituição.

A Ministra Golda Meir, às 14:50h, no parlamento israelense anunciou o que o Estado de Israel esperava das autoridades alemãs:

“(…) Israel espera que a República Federal da Alemanha e o Comitê Olímpico Internacional façam tudo que estiver a seu alcance para libertar os cidadãos israelenses das mãos dos assassinos. Não é factível que os Jogos Olímpicos continuem como se nada tivesse acontecido, enquanto nossos cidadãos estão sob a ameaça de morte na Vila Olímpica” (KLEIN 2006, p. 59).

A ordem para a ida de Moshe Dayan, um veterano General, vitorioso nos combates com os palestinos, e conhecido por todos, poderia dar mais motivação aos terroristas, valorizando o seu atentado e, por conseguinte, aumentando suas exigências e dificultando a resolução da crise. Assim, após este ser assessorado por Cohen, decidiu não viajar, avisando a Primeira-Ministra. Assim, só viajaram Cohen e Zamir, chegando em Munique no início da noite.

As negociações estavam em andamento. O líder Issa havia concordado em prorrogar o prazo três vezes (sendo o último até as 17h), sempre com promessas de que suas reivindicações seriam atendidas e de que as prorrogações se deviam às dificuldades burocráticas para se libertar os prisioneiros em Israel. Mas o líder estava cada vez mais violento e, na última prorrogação, ameaçava executar os reféns do lado de fora na frente das câmeras, o que seria visto por mais de um bilhão de espectadores no mundo todo que estava atentamente conectado.

A cada negociação, a caminhada da equipe até o líder, na entrada do prédio, deixava a todos apreensivos com o resultado da negociação.

A vida na Vila era algo inacreditável. Enquanto as negociações rolavam, a quase 200 metros do local do sequestro, os atletas agiam normalmente – tomando sol, conversando, etc. Uma multidão (repórteres, atletas, fotógrafos, equipes de televisão, etc.) se aglomerava próximo dos policiais e do local que os reféns se encontravam.

Bem próximo do último prazo (às 17h), quando os alemães já estavam sem esperanças, pois as desculpas já não mais seduziam os terroristas, o líder mudou o discurso e solicitou que, dentro de uma hora, um avião estivesse pronto para levá-los para o Cairo, onde as negociações continuariam até que o governo de Israel enviasse os prisioneiros de avião para a respectiva troca, sob pena da execução de todos os reféns – proposta que era a mais viável para a nação soberana alemã, mas por outro lado tiraria o foco do problema da Alemanha e levaria para um país árabe.

Segundo discorreu Groussard (1975), o Ministro do interior alemão (Genscher) insistia, inicialmente, que Issa o deixasse falar com os reféns, o que foi autorizado depois de alguma hesitação – o técnico de esgrima Andrei Spitzer – chegou na janela e perguntado se estavam todos bem, apenas conseguiu responder que quase todos estavam bem, menos um, quando recebeu uma coronhada de fuzil atrás da cabeça e foi arrastado para dentro.

A seguir, insistiu para que o líder o deixasse entrar no quarto para ver os reféns, o que acabou sendo cedido (entraram o Ministro e o Prefeito da Vila Olímpica, Walter Troeger), pois o líder analisou que os alemães só estavam esperando uma oportunidade de atacá-los, já que ali estavam bastante vulneráveis, e já muito cansados (sem dormir há várias horas), e no Egito se sentiram mais seguros e, caso, não fossem autorizados a pousar no Cairo (onde tinham os egípcios como simpatizantes do Fatah) iriam para o Marrocos.

Ademais, parte do seu objetivo já tinha sido alcançado – que era expor a causa palestina para o mundo.

O que se viu no quarto foi lamentável e cruel. Os reféns estavam com os pés e mãos amarrados, a maioria amontoada em duas camas. Um deles, o juiz de levantamento de peso, estava amarrado numa cadeira no meio do quarto, que se encontrava com o chão cheio de lixo e comida jogada, além das paredes furadas pelos tiros e sujas de sangue, e o levantador de peso Yossef Romano estava morto sobre uma grande poça do próprio sangue.

O Ministro alemão conversou com os reféns, prometendo ajudá-los e perguntando-lhes se iriam para um país estrangeiro de avião (o que afirmaram com a cabeça). Mais uma vez o Prefeito se ofereceu ao líder para ficar no lugar dos reféns, o que foi novamente negado.

As ideias iniciais alemãs que foram surgindo eram totalmente amadoras. Pensaram em disfarçar policiais de cozinheiros para que agarrassem os terroristas quando saíssem do apartamento para pegar as caixas de comida, mas o líder apanhou a comida sozinho e exigiu que fossem provadas para se cientificar de que não estavam envenenadas.

Conforme Klein (2006), outro plano foi tentado. Policiais (selecionados aleatoriamente) disfarçados, vestidos com “moleton” (tendo pesados coletes balísticos por baixo) subiram no telhado do nº 31, pensando em invadir o apartamento pelos respiradores do ar-condicionado e pelas janelas e resgatar os reféns. Mas a TV dava cobertura de todos os movimentos naquele prédio, e em cada apartamento tinha um televisor, por onde os terroristas viram a manobra e o líder saiu gritando para que os policiais fossem tirados do telhado ou todos os reféns seriam mortos, então, a missão foi abortada.

As autoridades alemãs nem sabiam quantos terroristas estavam participando do atentado. Tentaram fazer a contagem a partir das aproximações que fizeram do local do

sequestro, mas não chegaram a um número que fosse consensual, o que demonstrou quão falha era a preparação dos agentes, fazendo com que a missão fracassasse.

Para atender à exigência dos terroristas, o plano alemão era levá-los de helicóptero até um campo de aviação militar (Furstenfeldbruck) onde seriam executados por duas unidades policiais. O primeiro (com treze componentes) atacaria os líderes (Issa e Tony) quando fossem inspecionar o Boeing 727 da Lufthansa. Estariam disfarçados de atendentes dentro do avião.

O segundo (com cinco atiradores de elite) neutralizaria os demais terroristas e libertaria os reféns e blindados viriam apanhá-los.

O assessor do chefe de polícia (Georg Wolf) foi definido para chefiar o resgate, tendo como ajudantes homens sem experiência contraterrorismo, além de serem iniciantes.

De acordo com Reeve (2011), os enviados de Israel (Zvi Zamir e Victor Cohen) chegaram a Munique quando os negociadores tratavam com Issa, encontraram-se com o seu embaixador e foram apresentados aos Ministro do Interior e Primeiro-Ministro da Bavária.

Os bávaros não queriam a interferência dos israelenses. A presença deles os incomodava. Foram até certo ponto ignorados, alijados dos planos. Não havia, também, entrosamento entre os agentes do governo federal e os funcionários bávaros.

Os israelenses, acreditando na reputação dos alemães, pensavam que eles tinham um plano e agentes capazes (atiradores de elite, agentes preparados, etc.).

A ideia alemã era não deixar o avião partir. Os terroristas seriam mortos ou capturados antes disso, mas o líder Issa estava desconfiado, ele queria que fossem de ônibus e os alemães insistiam para que fossem de helicóptero (conforme o plano traçado). Essa desconfiança o levou a concordar em ir de helicóptero, após os alemães afirmarem que o ônibus poderia ser cercado e eles linchados por milhares de manifestantes que cercavam a

Vila Olímpica.

Ficou acertado que os dois helicópteros estariam prontos e decolariam às 21h.

A imprensa e os espectadores acompanhavam tudo atentamente, procurando informações o tempo todo.

Foi combinado com o líder de que os terroristas e os reféns teriam que andar em torno de 180 metros até chegarem nas aeronaves (que foram estacionadas atrás do prédio da administração), que concordou, mas quis inspecionar o percurso e, ao fazê-lo e chegar ao estacionamento do prédio 1 em direção às aeronaves, acompanhado pelos negociadores e por um dos sequestradores armado, viu sombras próximas às pilastras se movendo, então ele cancelou a caminhada e decidiu que iriam de ônibus até os helicópteros.

Inicialmente foi conseguido um ônibus de dezesseis lugares, que foi rejeitado e exigido um maior.

### **3.1.3 O desfecho**

Conforme discorreu Klein (2006), depois das 22h os terroristas saíram do apartamento 1 empurrando os reféns (em grupos de três), que estavam com os olhos vendados, as mãos amarradas para frente e todos com uma corda pela cintura – tudo sobre forte tensão.

O ônibus seguiu até os helicópteros que foram inspecionados com lanterna pelo líder, que foi o primeiro a sair, acenando, após isso, para que os demais saíssem. Quatro reféns e quatro terroristas (um sendo o Tony) ocuparam um helicóptero. Issa embarcou com os outros cinco reféns e os outros três terroristas.

Tudo era observado da varanda do prédio da administração pelo Lalkin, Zamir e

Cohen e os demais atletas israelenses que escaparam – todos mal acreditavam no que estavam vendo.

Um fato que deixou Cohen e Zamir apreensivos, comprovado pelas conversas que ouviram dos negociadores, era que os alemães realmente não sabiam quantos terroristas eram, assim, o plano deles já estaria com problemas para execução desde a sua criação.

Pouco depois das 22h os dois helicópteros partiram e, logo depois, um terceiro, com as autoridades negociadoras alemãs e bávaras e, por último com Zamir e Cohen (que entraram quase à força, pois os funcionários bávaros não queriam deixá-los embarcar).

O helicóptero dos negociadores chegou ao campo de aviação 10 minutos antes (às 22h) do helicóptero dos terroristas, que seguiu um trajeto pré planejado (em círculos), e foram se esconder no prédio da administração que ficava no centro do campo, próximo da torre de controle. Mas os planos dos alemães já estavam dando errado. Assim que os helicópteros pousaram o líder dos terroristas correu (os 90 metros existentes) em direção ao Boeing 727 e logo a seguir o Tony (do outro helicóptero), ficando dois terroristas montando guarda do lado de fora de cada aeronave; e um dentro de cada uma, com as armas apontadas para os reféns. Os pilotos também saíram e ficaram ao lado de suas respectivas aeronaves. Antes disso (vinte minutos) os treze componentes da força tarefa especial de comandos da polícia, sob o comando de Reinhold Reich, haviam abandonado o avião, desistindo da missão, por medo de morrerem, após decidirem, por meio de votação entre eles – decisão que os seus superiores ainda não sabiam.

Tal atitude foi muito criticada por uns e defendida por outros, entre eles Wolf e Schreiber – que foram considerados negligentes, pois mesmo decidindo que o avião não decolaria, o mantiveram com os tanques cheios de combustível (8.300 litros), o que transformaria o avião numa bola de fogo, incinerando a todos que nele estivessem, caso fosse

disparado um tiro ou explodida uma granada. Além disso, os policiais não passariam despercebidos por atendentes de voo, já que muitos deles usavam a camisa do uniforme da Lufthansa com calças do uniforme da polícia. Fato que devia ter sido levantado durante o planejamento da missão.

Issa e Tony, ao chegarem no avião e verificarem que ele não estava pronto para partir, retornaram rapidamente para os helicópteros, o que deixou a todos muito tensos.

O comandante da operação (Georg Wolf), já tinha conhecimento que os treze agentes tinham abandonado a missão, mas ainda não sabia que seus cinco atiradores teriam que atirar em oito terroristas e não em cinco, como se pensava no planejamento, assim, deu ordem para que os atiradores agissem.

Inicialmente atiraram nos dois terroristas que guardavam os dois helicópteros, mas apenas um foi morto. Os demais, que estavam fora da aeronave, se esconderam debaixo dos helicópteros, atirando (em rajadas) em direção às lâmpadas e à torre e jogando granadas, deixando o heliponto em total escuridão, não permitindo, assim, que se diferenciasse os terroristas dos reféns.

Tony tomou um tiro no pé e o dedo de Jamal Al-Jishey ficou esmagado por um tiro, que também estragou sua arma. Um policial alemão foi baleado na cabeça, por uma bala perdida.

Segundo MUNIQUE... (1999), o caos foi instalado e os funcionários alemães não sabiam o que fazer. Os israelenses Zamir e Cohen não acreditavam no que estavam vendo. Observando a falta de comando, pediram a um funcionário da polícia (mais de uma vez) que desse a ordem para que os terroristas fossem atacados, mas este se negou veementemente, dizendo que aguardaria a chegada dos veículos blindados (que os protegeriam para se aproximarem), que deveriam ter sido enviados horas antes e só foram depois que o tiroteio já

ocorria havia 10 minutos – ficando ainda presos no engarrafamento provocado pelos carros de curiosos. Os dois, do telhado, tiveram uma visão melhor do que ocorria, onde viram que os atiradores estavam sem saber distinguir, no escuro, quais eram os terroristas para os alvejarem. Cohen acabou pegando um megafone e gritando para os terroristas para que desistissem e salvassem suas vidas.

Quando a situação chegou a um impasse, houve um grande silêncio, em torno de 20 minutos, após o intenso tiroteio. Logo a seguir os quatro veículos blindados da polícia começaram a chegar, os terroristas se viram ameaçados de não cumprir sua missão, então um deles saiu do helicóptero e jogou uma granada de fragmentação dentro dele, que ao explodir atingiu os seus tanques de combustível e o incendiou, matando todos os reféns que estavam lá dentro amarrados (Yaakov Springer, Eliezer Holfin, David Berger e Zeev Friedman). Quase ao mesmo tempo, outro terrorista desceu da outra aeronave e atirou nos reféns, matando a todos (Mark Slavim, Amitzur Shapira, Andrei Sptizer, Yossef Gutfreund e Kehat Shorr).

Após massacrarem os reféns, os terroristas restantes (quatro) saíram correndo na escuridão, em direção ao descampado em torno do local (atirando em direção à torre de controle). O líder foi morto no percurso, restando então Jamal Al-Jishey (que estava ferido no dedo da mão), Adnan Al-Jishey e Mohammed Safady, que foram perseguidos mais de uma hora pelos policiais alemães (com blindados, cães, a pé, etc.) até serem capturados.

De acordo com Groussard (1975), enquanto isso, o helicóptero incendiado continuava a queimar, e os bombeiros não tomaram nenhuma atitude, por medo de que ocorressem novos tiroteios, só apagando as chamas totalmente (com espuma) depois que os últimos terroristas foram capturados. Essa demora dos bombeiros custou a vida de um dos reféns (David Berger), que, após a autópsia, ficou comprovado que morreu por inalação de fumaça e não pelos tiros que levou em áreas não fatais – um na panturrilha e outro na coxa.

Assim que cessou o tiroteio, Zamir e Cohen desceram correndo as escadas do prédio da administração (no meio das cinzas quentes e muita fumaça) em direção ao helicóptero que não havia incendiado – o outro permanecia queimando – e ao chegarem, viram todos os reféns sentados, amarrados, imóveis e mortos, com sangue escorrendo do helicóptero e empoçando na pista.

O mundo todo estava sem notícias. Os jornalistas demoraram a ficar sabendo que os helicópteros tinham ido para o campo de pouso militar e não para o aeroporto de Munique e, quando souberam correram para as proximidades das cercas, pois as autoridades não os deixavam entrar, por motivos óbvios de segurança.

Segundo Reeve (2011), todas as informações para a imprensa eram desencontradas, baseadas mais em boatos, que em determinado momento eram de que os terroristas iriam de avião para um país do oriente médio (com ou sem reféns) e em outro de que os reféns haviam sido resgatados e todos os terroristas mortos – e foi essa a informação que passou a circular, após as 23h, como verdadeira. E todos se agarraram a ela (repórteres, políticos, familiares, etc.) – até a agência Reuters divulgou, às 23:31h, exclusivamente, de que todos os reféns haviam sido libertados.

A notícia se espalhou da Vila Olímpica até Israel. As famílias dos reféns, amigos, parentes e os israelenses em geral (exceto Ankie Spitzer, esposa de Andrei Spitzer; Rachel Gutfreund, mulher do árbitro de luta; e Rosa Springer, esposa de Yaakov Springer), comemoraram, fazendo um grande festejo. Porém, às 3:17h a agência de notícias Reuters divulgou um comunicado corrigindo a notícia anterior e informando de que todos os reféns estavam mortos – fato que já era do conhecimento da Primeira-Ministra Golda Meir, que foi avisada, por telefone, pouco antes das 3h da manhã, pelo chefe do Mossad Zvi Zamir, assim que este regressou à Vila Olímpica, informando a ela que havia visto com os próprios olhos

os seus compatriotas mortos.

Ao amanhecer, durante uma entrevista coletiva, os funcionários alemães e bávaros evitaram assumir qualquer responsabilidade, não admitindo qualquer culpa para a polícia alemã, colocando a culpa nos israelenses (por não terem aceitado libertar os prisioneiros) e nos palestinos, alegando que estes foram eficientes e eficazes em sua missão

De acordo com Klein (2006), os alemães e bávaros jamais assumiram a sua responsabilidade no episódio e se negaram, enquanto puderam, a fornecer os documentos sobre o massacre exigidos pelas famílias, só o fazendo depois que parte deles foram enviados secretamente para elas, e também a fazerem as devidas indenizações, o que só veio a ocorrer depois que os documentos oficiais completos foram entregues às famílias, fruto de grande pressão internacional e política, e por já não terem mais como esconder a responsabilidade, comprovada pelas apurações internas que se seguiram após o desfecho do atentado.

Os alemães voltaram a decepcionar os israelenses. Em 29 de outubro de 1972, 13 homens embarcaram e sequestraram o voo 615 da Lufthansa, de Damasco para Frankfurt, passando a exigir a libertação dos três terroristas do Setembro Negro das prisões bávaras, que foram capturados por ocasião do massacre de Munique. Tal operação recebeu o nome, de acordo com o líder do grupo de sequestradores (Abu-Ali) de “Operação Munique”.

O governo alemão, sem avisar aos israelenses, decidiu atender imediatamente aos terroristas – considerando esses prisioneiros em solo alemão como um grande fardo.

Os prisioneiros acabaram sendo libertados e o avião os levou para Líbia, pousando em Trípoli, onde foram recebidos como heróis.

### 3.1.4 As falhas observadas

Conforme bem relatou Klein (2006, p. 83), o atentado de Munique foi um divisor na história de Israel, principalmente no combate ao terrorismo internacional.

O país, que ainda era bastante jovem, nunca tinha experimentado um episódio similar – o que afetou profundamente todos os israelenses. As feridas provocadas pelo holocausto em solo alemão foram reabertas e voltaram a sangrar.

Os alemães foram negligentes e pouco profissionais, e agiram com muito amadorismo, cometendo muitas falhas, conforme as principais descritas adiante. Nem eles e nem os Bávaros, assumiram a responsabilidade pelo trágico acontecimento e ainda colocaram nos israelenses e nos palestinos a culpa pelo acontecimento.

O governo alemão, preocupado em passar para o mundo uma imagem de paz, de uma nova Alemanha, distante daquela de Adolf Hitler, deixou de se engajar mais profundamente na segurança dos jogos. Inclusive, ignorando as fortes tensões internacionais existentes à época, principalmente no Oriente Médio.

Também, não promoveu o engajamento da população na questão da segurança, não convocando-a e nem esclarecendo-a por meio de campanhas publicitárias etc; nem tampouco coordenou-se com a imprensa para que se evitasse ações que elevassem ainda mais o nível de tensão, por ocasião das negociações.

Segundo discorreu Klein (2006, p. 84 e 85), houve falhas no planejamento da missão de resgate, na organização e na execução. Conforme um relatório interno da Alemanha Ocidental, divulgado anos depois, os atiradores foram escolhidos aleatoriamente (ad hoc). Dos cinco atiradores, dois eram da polícia bávara (responsável por motins) e três eram da polícia de Munique. Nenhum era atirador de elite e não tiveram treinamento especial para essa

função. Foram escolhidos por terem participado e se destacado num campeonato de tiro. Além disso, as armas que receberam (G3 e FN<sup>23</sup>), sem miras infravermelhas (o que poderia dar muita vantagem na ação – que ocorreu a noite), não eram adequadas. Alguns desses atiradores estavam acordados havia mais de 14h e isso afetaria muito o seu desempenho, que tinha que ser preciso.

Conforme MUNIQUE... (1999), o grupo que agiria no campo de pouso teve em torno de 4 horas para preparar a missão, onde poderiam ter se preocupado com o posicionamento mais adequado em que colocaria os atiradores; em que os helicópteros pousariam para facilitar a visualização dos alvos pelos atiradores. As condições e a localização do campo de pouso eram ideais para uma ação bem sucedida; longe dos civis, numa área militar, enfim, com inúmeras opções para orquestrar uma ação que conseguisse ter sucesso.

Não houve uma preocupação com a iluminação no local, de forma a facilitar a ação dos atiradores e dos coordenadores da missão e dificultar as ações dos terroristas. A noite estava escura (não havia luz da lua) e, mesmo assim, não colocaram uma iluminação forte para confundir os terroristas e dar uma melhor visão da cena aos atiradores.

Os atiradores ficaram atordoados, pois com a baixa iluminação, e após os terroristas atirarem nas luzes, não sabiam a localização dos mesmos – se estavam vivos ou mortos –, nem como se encontravam os reféns (que estavam amarrados dentro do helicóptero).

Não havia uma coordenação para o momento do “abrir fogo” dos atiradores. Eles não se comunicavam com o comandante. Não tinham equipamentos de comunicação; nem de

---

23 G3 – Gewehr 3 (em alemão). Fuzil de assalto fabricado pela Heckler & Koch. Foi a arma de infantaria padrão do exército alemão até 1997, e continua a ser usada por vários exércitos.

FN – Fuzil de assalto (7,62mm), fabricado pela Fabrique Nationale Herstal da Bélgica, desenvolvido desde 1946 e ainda utilizado em muitos países, inclusive o Brasil. Disponível em: <<http://www.assuntosmilitares.jor.br/2014/10/fuzil-automatico-leve-fal-popularmente.html>>. Acesso em: 26mar2016.

proteção individual (coletes a prova de balas, capacetes, etc.). Além disso, o número de atiradores não era razoável, considerando que tinham dezenove disponíveis e só levaram cinco – deixando o restante distribuídos na vila olímpica e no aeroporto de Munique.

Após o evento, não forneceram informações aos familiares das vítimas. Não deram acesso à documentação (laudos, autópsias, relatórios etc.).

Segundo Klein (2006), implantaram uma intensa burocracia e formalidades excessivas para obtenção de informações, declarando, depois de alguns anos, que não tinham qualquer documento de prova referente ao atentado – o que foi desmentido quase vinte anos depois (em agosto de 1992), quando por circunstâncias e pressões políticas, foram levados a entregar quase 4.000 arquivos (com milhares de documentos), que detalhavam minuciosamente os eventos ocorridos no atentado.

Houve falha crucial na inteligência de Israel – do Mossad e da Inteligência Militar –, pois não possuíam informações (dados) robustos sobre o Setembro Negro e nem sobre os demais grupos palestinos. Além disso, não atentaram para a falta de segurança adequada para os atletas – falha também atribuída à inteligência alemã –, apesar de terem recebido informações de que um plano de um grande ataque na Europa estava em andamento.

O massacre deixou claro que a partir dali os israelenses teriam que se preocupar e lidar com uma mudança de paradigma em relação ao terrorismo – que seriam atentados terroristas contra alvos de Israel no exterior e em grandes eventos internacionais, além da perda do caráter de inocência do esporte – que, nesse atentado, propiciou grande publicidade do atentado no mundo (o Setembro Negro de desconhecido, passou a ser conhecido mundialmente), estimulando novos terroristas e novos ataques, tornando a tarefa de prevenção e neutralização muito mais complexa e difícil, fazendo com que as informações de inteligência existentes se tornassem insuficientes – tendo que começar tudo quase do marco

zero, conforme ratificado pelas informações contidas no Relatório Kopel<sup>24</sup>, elaborado por determinação da Primeira-Ministra Golda Meir.

### 3.2 Lições aprendidas

Após recordar o histórico do atentado e enunciar as falhas ocorridas naquele atentado, que proporcionaram um fim trágico, por meio delas pode-se identificar algumas lições aprendidas e deixadas para o aprimoramento da prevenção e do combate ao terrorismo, conforme a seguir:

1) houve negligência da inteligência tanto de Israel, quanto da Alemanha, além de não terem interagido entre si (trocando informações importantes com os diversos setores governamentais dos dois países), para prevenir ou mitigar as ações terroristas, e ainda, a Alemanha não aceitou a colaboração de grupos especializados de Israel, com grande experiência naquele tipo de ação;

2) falta de preparo adequado de pessoal (e equipes) para atuar em situações de ações terroristas (de crise) – tanto em termos de treinamento, quanto em termos de pessoal e material (negociadores, equipamentos, etc.);

3) falta de planejamento adequado para as missões de contraterrorismo – negligência e deficiência no planejamento, tornando-o desorganizado e inadequado;

4) falta de comprometimento governamental com a segurança dos jogos – negligência no engajamento;

5) falta de ações para engajamento da população na prevenção ao terrorismo e

---

<sup>24</sup> Relatório Kopel – Relatório ultra-secreto de 15 páginas, elaborado por Pinchas Kopel (ex-chefe nacional da polícia de Israel), Moshe Koshti (ex-diretor geral do Ministério da Defesa de Israel) e o Dr. Avigdor Bartel, por determinação da então Primeira-Ministra Golda Meir, logo após o atentado, em 13 de setembro de 1972, para que apurassem o que havia ocorrido no atentado, constituindo-se na equipe de investigação oficial, com ênfase na avaliação das condições de Segurança nas Olimpíadas de Munique (KLEIN, 2009, p. 226).

situações de crise – contribuindo para a segurança com denúncias de situações suspeitas etc.;

6) falta de coordenação entre os diversos atores que atuavam no cenário do atentado – o que causou grande desorganização e confusão;

7) falta de preocupação e de tomada de providências adequadas com o fato de que a imprensa acompanhava, em tempo real, todas as ações da equipe de resgate, que também eram acompanhadas pelos terroristas, o que acabou comprometendo a missão;

8) falta de esclarecimento à população (opinião pública dos países envolvidos e mundial) com informações confiáveis sobre o que ocorria no atentado – falha na comunicação social;

9) a organização dos jogos ignorou as tensões internacionais existentes naquela época (especialmente no Oriente Médio), não implementando medidas de segurança necessárias (patrulhamento ostensivo, muros mais altos etc.); e

10) por fim, a mudança de paradigma do terrorismo – primeiro atentado num grande evento em um outro país, com grande cobertura da mídia (publicidade), além de quebra do caráter inocente do esporte.

Dessa forma, conclui-se que, essas lições, baseadas nas falhas ocorridas, possibilitarão o aprimoramento na prevenção e no combate ao terrorismo em todo o mundo (aí inclusos o Brasil e a MB) e serão imprescindíveis para se alcançar a resposta ao objeto deste estudo.

A seguir, será analisado o combate ao terrorismo, para melhor se identificar e compreender as ações adotadas e o inter-relacionamento com as demais partes e com a estrutura do estudo.

#### 4 O COMBATE AO TERRORISMO

Na busca do objetivo principal do trabalho, também será analisado, como um dos objetivos intermediários, o que se tem feito no mundo em relação ao combate ao terrorismo e, em particular, o modelo brasileiro, principalmente em relação ao terrorismo internacional; combate esse que vem, ao longo da história, ganhando importância vital para a segurança dos países e de sua população. Também, dentro desse contexto, será analisada a atuação da MB na segurança dos grandes eventos e a aplicação nela das lições aprendidas naquele atentado.

Segundo Chalk (1996, p. 117-141) e Woloszyn (2009, p. 140), há uma preocupação global com o terrorismo, que cruzou fronteiras e passou a ter uma abrangência internacional. Na tentativa de minimizar ou mesmo evitar seus efeitos, está havendo um intenso esforço e cooperação entre diversos países, com a celebração de acordos, protocolos, convênios etc.

Como bem colocou Herz e Amaral,

Independente da característica, da forma de atuação ou do alvo atingido, a luta contra o terrorismo, pelo ilícito que constitui e pela ameaça que representa, exige, no plano interno dos Estados, ações de inteligência e polícia e um aparato jurídico eficiente para enfrentar as ações criminosas. Na ordem internacional, é fundamental a cooperação e as ações coordenadas entre os Estados (HERZ e AMARAL, 2010, p. 298).

O problema se tornou tão complexo que, conforme citado em Raposo (2007, p. 41; 51), a ONU o considerou um dos cinco mais importantes problemas que assolam o mundo, e adotou uma estratégia global contraterrorismo, a ser implementada pelos seus países membros.

Em relação ao terrorismo internacional, está longe de ser descartada uma ação a qualquer momento. As estatísticas demonstram que está numa crescente. Os diversos antagonismos políticos e religiosos presente no mundo (Ex: Israel e Palestinos, EUA no Afeganistão, o EI em territórios da Síria e Iraque etc.), contribuem substancialmente para o

recrudescimento de ações terroristas, tanto apoiados por estados, que querem chamar a atenção (internacional) para a sua causa regional (o extremismo religioso e antiglobalização), como as realizadas individualmente, inspirados em grupos e em causas já existentes (tradicionais).

#### **4.1 O modelo brasileiro**

O Brasil, assim como qualquer país, não está imune a um ataque terrorista, para isso vem se empenhando para ter as melhores condições de preveni-lo e combatê-lo e, nessa luta contra o terrorismo, coadunando com o disposto por Raposo (2007, p. 41), observa as duas grandes vertentes: o antiterrorismo – que está ligado àquelas ações de cunho preventivas, defensivas, para a redução das vulnerabilidades existentes –, e o contraterrorismo – que já se caracteriza pelas ações reativas, ofensivas, de forma a dissuadir e contra-atacar os grupos que forem identificados.

Como bem pontuaram Woloszyn (2009, p. 13; 186), Whittaker (2005, p. 450) e, Paniago et al (2007, p. 14), observando as melhores práticas no combate ao terrorismo, inicialmente, em 2004, por iniciativa do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), da Presidência da República, foi constituído um grupo técnico na Câmara de Relações Exteriores e Defesa Nacional, a fim de elaborar uma proposta de política de contraterrorismo, bem como a criação de um departamento para tratar exclusivamente do tema, ligado à Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) – que é o órgão, na estrutura de inteligência brasileira, responsável pela realização da prevenção do terrorismo internacional –, com a participação de órgãos integrantes do SISBIN, instituído pela Lei 9.883/99 (integrado pela DPF, pelos Centros de Inteligência Militares, o COAF, etc.), ficando as ações de caráter policial com a DPF e, ao

MD/MB/EB, as ações de caráter militar, por meio de operações especiais. Na época, também já fazia gestões para aprovação de um Projeto de Lei que disciplinasse o tema terrorismo, o que só foi atingido em março de 2016, com a aprovação da Lei 13.260/2016 contra o terrorismo.

Além disso, aderiu à Estratégia Global das Nações Unidas de Contraterrorismo; passou a participar ativamente do Comitê Interamericano contra o terrorismo; cumpriu mais de vinte recomendações do Grupo de Ação Financeira Internacional contra a Lavagem de Dinheiro (GAFI) e estabeleceu uma Estratégia Nacional de Combate à Corrupção e Lavagem de Dinheiro (ENCCLA); fez adesão a mais de 10 acordos internacionais patrocinados pela ONU etc.

Com o advento do atentado de Munique, em 1972, houve constante revolução na criação e no aprimoramento de grupos especializados para o combate ao terrorismo. Na Alemanha, foi criado o GSG9 (Grupo 9 ligado à Polícia de fronteira – Polícia Federal); na Inglaterra, o SAS (Special Air Service)<sup>25</sup>; nos EUA, o Delta e o SEAL<sup>26</sup>; e no Brasil, os grupos altamente especializados (de retomada e resgate, tanto em ambientes terrestres, como em ambientes aquosos; de guerra NBQR, etc.), pertencentes ao Exército Brasileiro: o Comando (antiga Brigada) de Operações Especiais, assim como à Marinha do Brasil: o Batalhão de Operações Especiais do Corpo de Fuzileiros Navais (BtlOpEspFuzNav), com o Grupo Especial de Retomada e Resgate /Operações Especiais (GERR/OpEsp), e o Grupamento de Mergulhadores de Combate (GRUMEC), com o Grupo Especial de Retomada

---

25 Conforme Woloszyn (2009, p.185), SAS - Special Air Force (Serviço Aéreo Especial) é uma Força Especial do Exército do Reino Unido, criada em 1941. É uma das Forças Especiais mais respeitadas no mundo. Durante a Segunda Guerra Mundial atuava como força de comando, atrás das linhas inimigas, e depois contra o IRA (na Irlanda do Norte)

26 Segundo Woloszyn (2009, p.186), são. grupos de elite pertencentes a organizações militares dos EUA, que atuam em ações de comando (força contraterrorista), tendo por missão localizar e neutralizar ameaças. Delta – chamada Delta Force, criada em 1977, é a principal Força Contraterrorismo e de Operações Especiais dos EUA. SEAL – é uma das principais forças de Operações Especiais da Marinha dos EUA e parte do Comando Naval de Operações Especiais. Opera no mar (Sea), no ar (Air) e em terra (Land), que dá origem à sua sigla.

e Resgate/Mergulhadores de Combate (GERR/Mec).

Tem-se ainda, para as ações de repressão policial, o Comando de Operações Táticas (COT), subordinado ao Departamento da Polícia Federal; e para a Defesa Aeroespacial, o Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (COMDABRA), subordinado à Força Aérea Brasileira; a Coordenação de Combate aos Ilícitos Transnacionais (COCIT), do Ministério das Relações Exteriores; a Embrapa e a Anvisa (pela experiência acumulada); o Sistema de Proteção ao Programa Nuclear (SIPRON), integrado ao GSI; o Departamento de Segurança da Informação e Comunicações do GSI, na prevenção de ataques cibernéticos, inclusive os de natureza com potencial terrorista. Ainda existe o ISPS Code<sup>27</sup>, sob coordenação da MB, da Secretaria Especial dos Portos e da Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais do GSI; e, por fim o Núcleo de Segurança de Infraestruturas Críticas (NSIC), também do GSI (sistema de proteção dos órgãos, instalações e atividades vitais, como telecomunicações, água e energia elétrica etc.).

Especificamente na área de Inteligência, que é de vital importância, pois além de fornecer dados necessários para o processo decisório no mais alto nível (Nacional) e para o planejamento tático e estratégico, objetiva a prevenção (com a detecção e neutralização de ameaças), a falta de integração entre os diversos interessados envolvidos foi um dos motivos dos fracassos observados no atentado de Munique. Nesse sentido, hoje há internacionalmente uma grande preocupação com essa integração. Tanto que a Comissão Federal dos EUA, que apurou as falhas observadas por ocasião do atentado de 11 de setembro de 2001, colocou:

Neste sentido, um dos ingredientes de sucesso de governos na luta contra o terrorismo nacional ou internacional repousa em quatro fatores, amplamente debatidos pela Comissão Federal dos EUA, que analisou os episódios do 11 de Setembro e apontou falhas no sistema: (1) confiabilidade na qualidade das análises e

---

27 Segundo Colaço (2010, p. 93), o ISPS Code (sigla em inglês) é o Código Internacional para Segurança de Navios e Instalações Portuárias. Trata-se de uma norma internacional de segurança para efeito de controle de acessos e também para monitoramento. Foi adotado a partir dos atentados de 11 de setembro em Nova York. Os portos do mundo todo tiveram que adotar medidas especiais de segurança mais rígidas, por exigência dos EUA.

estimativas apresentadas por seus órgãos ou sistema de inteligência; (2) que o produto analítico não sofra influências políticas ou de outros interesses; (3) a real capacidade destes órgãos na coleta, busca e análise de dados; e (4) o nível de integração e cooperação destes, interna e externamente, principalmente no que se refere ao compartilhamento de dados (...) (WOLOSZYN, 2009, p. 187).

Nesse diapasão, observa-se o alinhamento do Brasil com esse posicionamento. Aderindo a acordos internacionais; às recomendações e resoluções da OEA, no que tange a troca de informações, cooperação e formação e treinamento de especialistas etc.; aprovando legislação que respalde o combate ao terrorismo em todas as frentes (tipificação, controle das atividades de financiamento com a lavagem de dinheiro); criação, no Ministério da Justiça, de uma Comissão Nacional de Combate a Atos Terroristas etc.

Outra medida importante tomada pelo Brasil, foi a edição da Portaria nº 22, de 29 de junho de 2009, do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República – GSI (que dá a mais alta prioridade à prevenção de potenciais ameaças do terrorismo internacional no Brasil), impulsionado pelas experiências obtidas com as ações implementadas pelos países atingidos por ações terroristas, o que levou à criação do Núcleo do Centro de Coordenação das Atividades e Combate ao Terrorismo (CPCT), que tem por missão discutir as políticas, estratégias, programas e atividades de combate e prevenção ao terrorismo e a organização e avaliação de subsídios que venham representar riscos ou ameaça terrorista em território nacional.

Esse núcleo é constituído por representantes, que já se encontram no GSI (um Oficial da Marinha, que se comunica com o Comando da Marinha e com o Centro de Inteligência da Marinha, e um do Exército e da Força Aérea, que fazem o mesmo, além de um do DPF, da ABIN, da Anvisa, Embrapa e MRE), conforme bem relatado por Buzanelli (2010, p. 61) e Souza (2010, p. 195).

Além dessas medidas, como bem colocou Geromel (2010, p. 12), tem adotado diversas outras, como a realização de workshop, seminários etc., para a interação dos diversos

órgãos governamentais com interesse no tema terrorismo e para divulgação das ações setoriais que vêm sendo desenvolvidas.

Especificamente para os grandes eventos, além de toda a preparação que vem sendo feita ao longo do tempo, fruto da experiência obtida nos vários eventos que vem ocorrendo no Brasil, há toda uma mobilização de todos os órgãos envolvidos na segurança para o combate ao terrorismo. Pode-se citar como exemplo a Olimpíada e Paralimpíada, para as quais foi criado, pelo MD, especialmente um órgão Coordenador Geral de Defesa (CGDA), para organizar e orientar as atividades de segurança, além de ter a função de atuar com uma força de contingência na proteção de infraestruturas estratégicas e, em caso de crise durante os jogos, no policiamento ostensivo em áreas predeterminadas. Também foi constituído um Comitê Integrado de Enfrentamento ao Terrorismo (CIET), que é composto pelo Comando Conjunto de Prevenção e Combate ao Terrorismo CCPCT (do MD), pelo Departamento de Contraterrorismo da ABIN e pela Divisão de Antiterrorismo do DPF (Ministério da Justiça – MJ). Pode-se citar como os principais produtos das deliberações deste Comitê os Protocolos Estratégicos de Enfrentamento ao Terrorismo, o Relatório do GT terrorismo e o Programa de Sensibilização e Dissuasão da Ameaça Terrorista, desenvolvido desde o ano de 2015.

Toda essa mobilização é justificada, pois, conforme posto por Whittaker (2005, p. 451), o Departamento de Defesa nos EUA descreveu as ameaças de terrorismo em cinco níveis: crítico, alto, médio, baixo e insignificante (conforme disposto no QUADRO 2, p. 89) e, no Brasil, o risco é alto para alvos atinentes a países como Israel e EUA – que sinaliza que há grupos terroristas dispostos a realizar ações; que há possibilidades para isso e que há, também, um histórico que não pode ser ignorado.

Tem-se observado, recentemente, constantes ataques do EI na França<sup>28</sup> e em outros

---

28 Desde janeiro de 2015, vários ataques terroristas (em torno de 10) foram realizados em território francês, dentre eles: em 13 de novembro de 2015 houve ataques a tiros a clientes de restaurantes e bares nos distritos de número 10 e 11 a capital francesa e três explosões no estádio nacional, durante o amistoso entre França e

países em diversas partes do mundo, alguns com características semelhantes, outros com “*Modus Operandi*” não muito comum. No momento, é esse grupo terrorista que mais vem assustando do mundo e está numa crescente. A Al Qaeda<sup>29</sup>, após a morte de Osama Bin Laden<sup>30</sup> (seu líder e mentor), reduziu substancialmente suas ações, porém, não se pode descuidar dos diversos outros grupos existentes e em atividade no mundo<sup>31</sup>. Esses grupos podem ter células adormecidas, prontas para serem ativadas a qualquer momento, aí incluídos grupos terroristas palestinos, pois sua contenda com Israel permanece mais viva do que nunca.

Como colocado por Buzanelli (2010, p. 49), Dantas (2010, p. 140 e 149), Silva e Chaves (2010, p. 161) e Woloszyn (2009, p.100-104), no Brasil, considerando a atual sociedade globalizada, onde ocorre um fácil e constante trânsito entre os países, há um terreno fértil e permissivo para a atuação do terrorismo internacional, que lhe causa enormes vulnerabilidades, tais como: ausência de antecedentes históricos, território extenso, muitos rios que facilitam a penetração, grande extensão marítima, longa fronteira bastante permeável, (com fiscalização e controle deficientes), grandes malhas viária, hidroviária e aeroportuária e portuária, grande quantidade de campos de pouso clandestinos ou sem controle, facilidade de

---

Alemanha; em 07 de janeiro de 2015 um atentado a tiros na sede do semanário satírico *Charlie Hebdo*; em 08 de janeiro de 2015, fizeram reféns clientes e funcionários de um supermercado de produtos judaicos; em 3 de fevereiro agressão a 3 guardas em frente a comunidade judaica; em 19 de abril assassinato de uma mulher e preparação para explosão de uma igreja nos arredores de Paris; em 13 de junho de 2016 o assassinato de um policial militar na região nordeste do país; e por fim, o ataque no dia 14 de julho de 2016 com um caminhão, que atropelou diversas pessoas (matando dezenas delas) que estavam assistindo à queima de fogos em comemoração ao 14 de Julho, Dia da Bastilha, em Nice, no sul da França.

- 29 Segundo Woloszyn (2009, p. 62), a Al Qaeda – que significa “A base” (em árabe). É um grupo terrorista sunita, fundado por volta de 1982 por Osama Bin Laden. Opera como uma rede de radicais muçulmanos que visam a uma guerra santa (jihad) de forma global.
- 30 Osama Bin Laden foi um dos membros sauditas da próspera família Bin Laden, além de líder e fundador da Al Qaeda, organização terrorista à qual são atribuídos vários atentados contra alvos civis e militares dos Estados Unidos e seus aliados, dentre os quais os ataques de setembro de 2001 às torres gêmeas do *World Trade Center*. Filho de Muhammed Bin Laden, imigrante iemenita pobre que se tornou o homem mais rico e poderoso da Arábia Saudita, só sendo superado pelo próprio rei. Foi morto em 1 de maio de 2011 durante uma operação militar do EUA no Paquistão.
- 31 Conforme colocado por Woloszyn (2009) e Whittaker (2005, p. 68 e 69), existem hoje no mundo diversos grupos terroristas ainda em atividade, dentre eles: Hamas, Hizaballah (Partido de Deus), Al Qaeda, GIA (Grupo Armado Islâmico), EI (Estado Islâmico), OLP (Organização para Libertação da Palestina e suas diversas facções), ETA (Pátria Basca e Liberdade), ANO (Organização Abu Nidal), ERJ (Exército Vermelho Japonês), etc.

lavagem de dinheiro, crescimento de organizações criminosas com ramificações no narcotráfico e tráfico de armas, intercâmbio dessas organizações com organizações terroristas internacionais, despreparo das polícias estaduais para combater esses crimes, falta de percepção do terrorismo como uma possibilidade real (pelo povo e até por setores do Estado), população receptiva (principalmente com estrangeiros), possui várias megalópoles (que favorecem o anonimato), alvos judaico-israelenses e dos EUA, comunidade étnica muçulmana xiita, proximidade com a tríplice fronteira (onde há supostos terroristas e/ou seus financiadores e grande comunidade de imigrantes árabes-palestinos) etc.

Apesar de todas as medidas tomadas e, em face de todas as ameaças existentes, conforme discorrido anteriormente, tem que se ter em mente que o imponderável, o imprevisível, são uma constante nas atividades terroristas. A imaginação é a sua principal ferramenta e a percepção de um universo antagônico (construir de forma imaginativa cenários hipotéticos – futuros cenários de ação) é uma alternativa que serve para o planejamento dos dois lados em conflito: do terrorista e das forças de segurança. Os terroristas muitas vezes são pessoas intelectualmente desenvolvidas, assim, conhecem também as técnicas de inteligência e contrainteligência, o que torna o seu combate cada vez mais difícil. Por isso, seguindo a lógica do improvável, conforme contido no famoso livro de Nassim Nicholas Taleb: “A lógica do Cisne Negro: o impacto do altamente improvável”<sup>32</sup>, tem-se que continuar atento e também usando, para o combate ao terrorismo, toda a estrutura já consolidada (principalmente de inteligência), construída com base nas experiências adquiridas no mundo ao longo do tempo.

---

32 Como comentou Buzanelli (2010, p. 26), a lógica do Cisne Negro é uma obra do mundialmente conhecido escritor Nassim Nicholas Taleb. Nela o autor analisa temas como sorte, incerteza, probabilidade e conhecimento para falar sobre como grandes acontecimentos nos surpreendem, enquanto cometemos o erro de restringir o pensamento ao corriqueiro e ao irrelevante. Ele é um dos maiores especialistas de risco da atualidade e propõe o mapeamento e a gestão do desconhecido, do pouco provável, do extremo. Para o autor, a fragilidade do conhecimento e a limitação do aprendizado, baseado na observação e na experiência, levam o ser humano a se defrontar com situações totalmente inesperadas.

## **4.2 A Marinha do Brasil na segurança dos Grandes Eventos**

A MB, assim como as demais Forças Armadas, tem contribuído para a segurança nos grandes eventos realizados no país nos últimos tempos (tendo como uma de suas atribuições, também a tarefa de executar ações de contraterrorismo). A partir de 2007, nos Jogos Pan-Americanos, nos Jogos Mundiais Militares, na Conferência das Nações Unidas para Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), na Copa das Confederações, na Jornada Mundial da Juventude e na Copa do Mundo de Futebol, e agora se prepara para os jogos Olímpicos 2016, para a seguir os jogos Paralímpicos, ainda este ano, tendo como órgão responsável pela condução e acompanhamento, a Assessoria Especial para Grandes Eventos do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, do Ministério da Defesa.

Sua atuação está respaldada por ampla legislação e normativos específicos sobre o assunto (a Constituição, leis complementares, Lei do terrorismo – promulgada em 2016, decretos, doutrinas, manuais etc.).

Com a tarefa de efetuar a proteção de estruturas/instalações estratégicas e patrulhamento de vias públicas, possui equipes altamente treinadas e preparadas: de negociação; de inteligência; de guerra eletrônica e cibernética; de defesa NBQR, de Retomada e Resgate (para atuação em ambiente terrestre – GERR/OpEsp, ou em ambiente aquoso – GERR/Mec), além de meios navais e de Fuzileiros Navais ativos e adicionais para o pronto emprego.

Em todos os grandes eventos em que a MB participou e naqueles que participará, ela está sempre se preparando adequadamente, acompanhando a evolução (a dinâmica) que a área de segurança requer. Tem trocado informações com outros países, sobre as táticas e estratégias utilizadas em eventos similares, etc. (Inglaterra – sobre as Olimpíadas de Londres,

EUA – acerca as melhores práticas de combate ao terrorismo etc.)

Como exemplo de atuação, conforme comentado pelo Almirante de Esquadra Sergio Roberto Fernandes dos Santos (em palestra proferida, na EGN, em 15 de julho de 2016, para o C-PEM 2016), para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016, de acordo com o Plano Estratégico de Segurança Integrada (PESI), que contempla os três eixos de atuação: Segurança Pública, Inteligência e Defesa, o enfrentamento do terrorismo será uma atividade integrada e está inserida tanto no eixo da Defesa Nacional, quanto no eixo de Segurança Pública. A Marinha atuará de forma integrada (operações conjuntas), sob coordenação do CGDA (que compõe o CIET), com a participação de milhares de militares, dezenas de navios e lanchas, várias aeronaves, veículos blindados, veículos anfíbios (CLAnf), diversas viaturas etc.

As primeiras ações de combate ao terrorismo ficarão a cargo dos Órgãos de Segurança Pública e, caso necessário, os militares entrarão com ações de Operações Especiais (e ações de Garantia da Lei e da Ordem – GLO), coordenados por um dos Grupos Tarefa (GT) – existem 2: um marítimo e outro terrestre, cada um comandado por um Oficial General, ou pelo Centro de Coordenação Tático Integrado (CCTI), comandado por um Oficial Superior (especializado em Operações Especiais), todos apensos ao Centro de Defesa Setorial (CDS) Copacabana (que é o responsável por aquele bairro e outros adjacentes – com o patrulhamento da orla desde o bairro do Caju até Copacabana), com mais de 300 militares, em condições de conduzir ações de enfrentamento ao terrorismo; ações anti-DEI (Dispositivos Explosivos Improvisados); e DefNBQR (Defesa Nuclear, Biológica, Química e Radioativa)(vide FIG. 1).

Na área de inteligência, que se constitui em um dos 3 eixos existentes no Plano de Segurança Integrado dos jogos, atuará em conjunto com os demais órgãos do Sistema de Inteligência Brasileiro (SISBIN), com constante cooperação e trocas de informações.

O terrorismo será combatido nesses 3 eixos e haverá representantes de cada um deles nos diversos Centros Integrados de Comando e Controle (CICC), o que promoverá uma maior rapidez e efetividade nas respostas a uma eventual crise provocada por um atentado terrorista.

A MB será responsável por coordenar, orientar e executar ações de negociação em todos os CDA/S (Centros de Defesa de Área/Setorial – no Rio de Janeiro serão constituídos os CDS e nos outros estados serão os CDA – nas sedes das partidas de futebol), sendo disponibilizadas equipes de negociação para contornar crises com existência de reféns.

Na área de prevenção, atuará fazendo vistorias e varreduras (defesa NBQR), além de trabalho de conscientização de seus militares e os respectivos familiares (estágio de percepção de ameaça terrorista).

Também tem grupos preparados permanentemente (GERR/OpEsp e GERR/Mec), conforme colocado por Senna (2010, p. 229) e ratificado pelo CMG (FN) Cláudio Eduardo Silva Dias, ex-comandante do Batalhão de Operações Especiais do Corpo de Fuzileiros Navais (BtlOpEspFuzNav), no período de janeiro de 2014 a janeiro de 2016, que realizam treinamentos diários, para ações reativas (retomada e resgate). Nesse grupo há atiradores especializados, que realizam treinamentos diários de tiro de precisão, efetuando em torno de mil tiros por semana cada um, utilizando os melhores e mais modernos equipamentos e munições – e armamentos usados por especialistas em tiro de precisão de países com notória experiência nessa área.

Observa-se que a MB vem adotando e se preparando adequadamente para o combate ao terrorismo, principalmente ao terrorismo internacional, utilizando-se das melhores práticas nessa área observadas e desenvolvidas no mundo, a fim de cumprir satisfatoriamente sua missão, por ocasião da atuação nos grandes eventos que ocorrem no Brasil.

### **4.3 Lições aprendidas e aplicações na Marinha do Brasil**

Pelo que foi discorrido neste trabalho, o advento do atentado em Munique trouxe muitos ensinamentos e lições que foram imediatamente colocadas em prática por vários países, não tendo, hoje, praticamente nenhuma daquelas lições que não tenham sido adotadas. Porém, cabe ressaltar que o terrorismo tem como uma de suas principais características a imprevisibilidade, assim, abaixo será feito um comentário acerca das lições aprendidas e, por fim, enfatizada a principal lição que sempre estará sendo perseguida: uma possível mudança de paradigma, fruto do caráter extraordinário acima citado.

Com o atentado de Munique, todas as Forças de Segurança começaram a especializar seus grupos de antiterrorismo e contraterrorismo e houve uma mudança radical nos estudos e preparação dos países para lutar contra esse complexo problema.

Hoje, na MB há planejamento e constante preparação para a atuação nos grandes eventos, nas ações de inteligência, de retomada e resgate (tanto em ambiente terrestre, quanto em aquoso), negociação, patrulhamento de vias públicas, guerra eletrônica e cibernética, e defesa NBQR, além de Fuzileiros Navais ativos e adicionais, para pronto emprego, caso necessário.

Especificamente em relação à área de inteligência, há uma atuação integrada com os demais Órgãos que fazem parte do Sistema de Inteligência Brasileiro (o SISBIN). Há coleta e troca constante de informações com órgãos do governo e com outros países acerca de suspeitos e demais situações ligadas ao terrorismo, diferentemente do que foi observado em Munique.

No tocante ao preparo das equipes para atuação em atos de terrorismo, conforme bem pontuado acima e na seção anterior, a lição foi aprendida. Hoje existem na MB grupos

especiais permanentes – o GERR/OpEsp e o GERR/Mec (com treinamentos constantes e adequados), bem equipados e preparados, para ações contraterrorismo – que atuam com base em planejamento adequadamente elaborado, em perfeita coordenação e integração com os diversos setores envolvidos na ação.

Há um engajamento governamental que propiciou uma legislação que respalda e disciplina as ações dos Órgãos de Segurança envolvidos nas ações de combate ao terrorismo (aí inclusa a MB), fazendo com que haja uma atuação coordenada de todas as instituições governamentais, evitando a desorganização e contradições que foram observadas em 1972.

Há o adequado preparo para o gerenciamento de crises, em que estão bem definidas as ações de prevenção junto ao público interno e externo, dos negociadores, da comunicação social, enfim, de todos os setores envolvidos.

Por fim, como bem colocou Dantas (2010, p. 149), em relação à mudança de paradigma, fica uma incógnita. Naquele atentado, quebrou-se a ideia de que o terrorismo não atingiria o esporte (a inocência do esporte – por representar diversão, lazer, união dos povos, saúde, vida etc.), além de ter sido o primeiro ataque a um grande evento internacional; assim, em qualquer evento similar pode-se ter um atentado com uma nova mudança de paradigma.

Concluindo parcialmente, no combate ao terrorismo, observa-se que há um esforço mundial para esse fim, com vários países se empenhando e adotando as melhores práticas mundiais e, no Brasil, há um engajamento (governamental, institucional e de Estado) para prevenir e combater o terrorismo, aprimorando permanentemente toda a sua estrutura de antiterrorismo e de contraterrorismo.

No que concerne à MB – com base na sua atuação nos grandes eventos realizados ultimamente –, observa-se que há, também, um permanente aprimoramento e que foram assimiladas as lições aprendidas no atentado de Munique, tendo sido incorporadas às

doutrinas de combate ao terrorismo de forma geral.

Houve constante aprimoramento no planejamento e na preparação para a atuação nos grandes eventos, especialmente nas ações de inteligência, com uma atuação integrada com os demais Órgãos que fazem parte do Sistema de Inteligência Brasileiro – o SISBIN – e com a coleta e troca de informações com órgãos do governo e com outros países acerca de suspeitos e demais situações ligadas ao terrorismo; na proteção de estruturas/instalações estratégicas; nas ações de retomada e resgate, tanto em ambiente terrestre, quanto em aquoso, com seus grupos especiais permanentes bem equipados e preparados, com treinamentos constantes (o GERR/OpEsp e o GERR/Mec); das equipes de negociação; no patrulhamento de vias públicas; na guerra eletrônica e cibernética; na defesa NBQR; no gerenciamento de crise; nas equipes de negociação; na comunicação social, enfim, em todos os setores envolvidos, o que confere certa segurança de que a MB se encontra no caminho certo e preparada para a prevenção e combate ao terrorismo em grandes eventos, principalmente o internacional.

Em que pesem todas as providências adotadas, conforme acima enumeradas, uma das lições ainda continua como uma incógnita – a mudança de paradigma (lição mais importante), fruto da imprevisibilidade do terrorismo. Essa faz parte da incerteza. Tem na sua essência o processo criativo imaginativo, que é uma tônica dos terroristas – estar sempre procurando uma forma de burlar as forças de segurança e concluir o seu intento. Portanto, tem-se que estar cômnicos de que, por mais que se tenha preparado adequadamente, principalmente no tocante ao terrorismo internacional, pode-se estar preparado para o passado, pois o terrorismo visa o futuro, aquilo que não foi previsto.

Como exemplo, tem-se o recente atentado na cidade de Nice, na França, em 15 de julho de 2016, amplamente divulgado pela mídia, quando aquele país se encontrava em alerta máximo havia alguns dias, por causa da Eurocopa 2016 (campeonato de futebol de seleções

européias); com todos os seus agentes de segurança engajados; com interoperabilidade entre os órgãos envolvidos e, mesmo assim, não conseguiu evitar o atentado, que veio com um “*Modus Operandi*” bem diferente e que fugiu em muito tudo o que já se tinha visto até então – utilizou-se um caminhão, jogando-o contra a multidão que se aglomerava na avenida “*Promenade des Anglais*”, na comemoração do Dia da Bastilha.

Em relação ao Brasil, e no caso dos grandes eventos, colocando como exemplo os mais recentes, a Olimpíada e a Paralimpíada 2016, eles foram escolhidos para serem sediados no Rio de Janeiro em 2009, assim, os terroristas tiveram em torno de sete anos para se preparar. Puderam ter a oportunidade de vir aqui e assistir os grandes eventos que foram realizados anteriormente, tendo toda oportunidade de estudar minuciosamente todas as nossas vulnerabilidades.

Para isso, há a necessidade se usar, nos moldes do terrorista, um processo imaginativo (cuja ferramenta fundamental é a imaginação), conforme bem colocou Albert Einstein: “a imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo”. Contando com o imponderável, que se utilize, principalmente, a estrutura de inteligência e adote um processo criativo baseado no universo antagônico (construir de forma imaginativa cenários hipotéticos – futuros cenários de ação), para dessa forma ter alguma chance de se prever uma nova possível mudança de paradigma, que poderão ser várias, como por exemplo: conforme citado por Raposo (2007, p. 47), um atentado com a utilização de uma “bomba suja”, ou no sistema de abastecimento de água com agentes biológicos, ou ainda com sabotagem nas demais infraestruturas (elétricas, portuárias, aeroportuárias, ferroviárias, etc.), ou utilizando um Veículo Aéreo Não Tripulado (VANT), também chamado de Drone, como transporte para uma carga explosiva, química ou biológica etc.

Assim, após as análises efetuadas neste capítulo (o modelo brasileiro, a atuação da MB na segurança dos grandes eventos e a aplicação das lições aprendidas na MB), verificou-se que as informações observadas em sua conclusão, muito contribuíram para que se chegasse ao objetivo principal do presente estudo.

## 5 CONCLUSÃO

Considerando todos os aspectos estudados para responder à pergunta objeto principal deste trabalho: "O que o atentado terrorista nas Olimpíadas de Munique de 1972, praticado pelo Grupo Terrorista Setembro Negro, pode trazer de conhecimento (lições) para o enfrentamento do terrorismo internacional, em grandes eventos, com desdobramentos para a Marinha do Brasil (MB)?", entende-se que os objetivos intermediários e o principal foram alcançados.

Para isso, foi utilizada a metodologia de estudo de caso, com uma abordagem sob a ótica histórica (de um fato histórico específico), não sendo efetivamente um estudo histórico – a história foi utilizada apenas como um instrumental –, e pesquisa bibliográfica e documental.

Além do capítulo um da introdução e do capítulo cinco da conclusão, o trabalho foi estruturado em mais três capítulos (que se constituíram nos objetivos intermediários), que foram necessários para se conhecer e compreender as características do terrorismo e dos seus agentes (referenciais teóricos, o que querem, como pensam, o que sentem, o “*Modus operandi*”, como se comportam, como atuam, como selecionam seus alvos, o que ocorreu naquele atentado, as falhas e lições aprendidas, como o mundo e o Brasil reagiram e estão estruturados para combater o terrorismo internacional, a MB na segurança dos grandes eventos e as aplicações das lições aprendidas na MB), possibilitando, assim, que se aplicasse o que foi estudado na compreensão do ocorrido naquele atentado, para que se enunciasse as falhas e se identificasse, de forma consubstanciada, as lições aprendidas e os desdobramentos para a MB.

Em face da complexidade desse tema, dinamismo e dificuldade de consenso, com

várias interpretações acerca de suas características, fez-se mister que se estudasse os assuntos correlatos e determinadas interpretações (fundamentos teóricos) sobre suas diversas peculiaridades, para que as conhecesse e compreendesse o que ocorreu no atentado de Munique, a fim de melhor se conseguir chegar às lições aprendidas e, por conseguinte, ao objeto desse estudo, o que levou à conclusão de que, com base no histórico do atentado recordado, eles muito contribuíram para que se entendesse e compreendesse, com mais substância, as características do terrorismo e dos seus agentes dentro daquele atentado, possibilitando, assim, que o objetivo desta pesquisa fosse alcançado.

Verificou-se que as ações nele ocorridas foram típicas do que se conceitua terrorismo internacional, também dessa forma classificado quanto à sua dimensão espacial, tendo em vista ter cruzado fronteiras e ocorrido em outro país (coadunando com o tema deste trabalho); que o objetivo foi claramente definido como obtenção de autonomia política, reconquistar seu território e divulgar a sua causa para o mundo – dando publicidade; quanto à tipologia, que foi político/ideológico/religioso (uma rivalidade secular entre os povos daquela região); quanto às motivações, que foram ter reconhecimento internacional para a causa palestina, onde tiveram um comportamento racional e político, pois queriam equalizar as forças com Israel e forçar uma mudança no “*status quo*”, a fim de contribuir para o sucesso da causa; comportaram-se como típicos terroristas que querem causar medo, pânico e terror, por meio do uso da violência; atuaram de forma seletiva (com o sequestro de atletas do Estado rival – Israel), tendo sido os alvos bem selecionados e definidos de acordo com a sua causa, com a forma de atuação, e as vulnerabilidades observadas.

Com a finalidade de se chegar às lições daquele episódio, foi recordado o histórico do atentado, enunciadas as falhas observadas e, a partir delas, identificadas as lições aprendidas: 1) negligência da inteligência tanto de Israel, quanto da Alemanha; 2) falta de

preparo adequado do pessoal e das equipes; 3) falta de planejamento adequado; 4) falta de comprometimento governamental; 5) falta de ações para engajamento da população na prevenção; 6) falta de coordenação entre os diversos atores; 7) falta de preocupação e providências em relação à imprensa; 8) falha na comunicação social; 9) a organização do evento ignorou as tensões internacionais existentes (principalmente no Oriente Médio); e 10) a mudança de paradigma – que proporcionaram uma evolução e um aprimoramento na preparação dos países no combate ao terrorismo.

Com isso, concluiu-se que, as lições aprendidas identificadas (com base nas falhas enunciadas) possibilitaram o aprimoramento na prevenção e no combate ao terrorismo em todo o mundo (aí inclusos o Brasil e a MB) e foram imprescindíveis para que fosse alcançada a resposta ao objeto deste trabalho.

No combate ao terrorismo, após as análises efetuadas no modelo brasileiro, na atuação da MB na segurança dos grandes eventos e nas lições aprendidas e as aplicações na MB, como conclusão, observou-se que há um esforço mundial para esse fim, com vários países se empenhando e adotando as melhores praticas mundiais e, no Brasil, há um engajamento (governamental, institucional e de Estado) para prevenir e combater o terrorismo, aprimorando permanentemente toda a sua estrutura de antiterrorismo e contraterrorismo. No que concerne à MB – com base na sua atuação nos grandes eventos realizados ultimamente, explica-se que foram assimiladas as lições aprendidas no atentado de Munique, tendo sido incorporadas às doutrinas de combate ao terrorismo de forma geral.

Houve constante aprimoramento no planejamento e na preparação para a atuação nos grandes eventos, especialmente nas ações de inteligência, com uma atuação integrada com os demais Órgãos que fazem parte do Sistema de Inteligência Brasileiro – o SISBIN – e na coleta e troca de informações com órgãos do governo e com outros países, acerca de

suspeitos e demais situações ligadas ao terrorismo; na proteção de estruturas/instalações estratégicas; nas ações de retomada e resgate, tanto em ambiente terrestre, quanto em aquoso; com seus grupos especiais permanentes bem equipados e preparados, com treinamentos constantes (o GERR/OpEsp e o GERR/Mec); das equipes de negociação; no patrulhamento de vias públicas; na guerra eletrônica e cibernética; na defesa NBQR; no gerenciamento de crise; nas equipes de negociação; na comunicação social, enfim, em todos os setores envolvidos, o que confere certa segurança de que a MB se encontra no caminho certo e preparada para a prevenção e combate ao terrorismo em grandes eventos, principalmente o internacional.

Assim, após a conclusão acima relatada, verificou-se que as informações observadas contribuíram, de forma substancial, para que se chegasse ao objetivo principal do presente estudo.

Porém, fica apenas a incógnita em relação à lição referente à mudança de paradigma (principal lição) – primeiro atentado num grande evento em um outro país, com grande cobertura da mídia (publicidade), além da quebra do caráter inocente do esporte –, pois ela faz parte da incerteza, fruto da imprevisibilidade do terrorismo, e tem na sua essência o processo criativo imaginativo do terrorista.

Nesse diapasão, discorrendo sobre a mudança de paradigma, em que pesem todas as providências adotadas para o combate ao terrorismo, tem-se que estar cômico de que, por mais que se tenha preparado adequadamente, principalmente no tocante ao terrorismo internacional, pode-se estar preparado para o passado, pois o terrorismo visa o futuro, aquilo que não foi previsto. Ele está sempre procurando as vulnerabilidades deixadas pelas forças engajadas na segurança para agir. Assim, é lícito supor que a qualquer momento pode ocorrer um atentado com uma nova mudança de paradigma, nos moldes do que ocorreu nas Olimpíadas de Munique.

Para combatê-lo, faz-se necessário que se conte sempre com o imponderável, que se utilize, principalmente, a estrutura de inteligência e adote um processo criativo baseado no universo antagônico (construir de forma imaginativa cenários hipotéticos – futuros cenários de ação), para, dessa forma, ter-se alguma chance de se prever uma nova possível mudança de paradigma.

Como pesquisa futura, em face do potencial imaginativo do terrorismo, deve-se prosseguir estudando os atentados que ocorrem constantemente, em busca de novas lições a serem aprendidas, novos “*Modus Operandi*” e uma nova mudança de paradigma, pois cada episódio traz uma gama de lições que devem ser enunciadas, identificadas e analisadas para que possam contribuir para o futuro combate ao terrorismo, principalmente o internacional.

Por fim, conclui-se que, por mais que se tenham assimilado as lições aprendidas no atentado de Munique (incluída aí a MB), no terrorismo é difícil afirmar que algo é definido e definitivo: nem conceitos, nem classificações (quanto à dimensão espacial, aos objetivos, às tipologias e às motivações), nem tampouco o comportamento dos seus agentes e toda a preparação para combatê-lo, o que corrobora o seu caráter de imprevisibilidade. Ele está sempre focado no futuro com o intuito de nos surpreender, usando toda a sua imaginação (uma de suas ferramentas fundamentais) e, como ela é ilimitada, a possibilidade de uma ação terrorista, com uma nova mudança de paradigma, também passa a ser ilimitada.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Eduardo Müssnich. **Terrorismo cibernético e cenários especulativos**. Revista Brasileira de Inteligência/Agência Brasileira de Inteligência. Vol. 3, nº 4 (set. 2007). Brasília: Abin, 2005.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BONANATE, Luigi. **A guerra**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm)>. Acesso em: 19 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 5.484, de 30 de junho de 2005. Aprova a **Política Nacional de Defesa**, dá outras providências. Brasília, D.F., 2005. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1 jul. 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5484.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5484.htm)>. Acesso em: 19 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Estratégia Nacional de Defesa – END**. Brasília. 2012A

\_\_\_\_\_. **Lei Complementar n. 97, de 09 de junho de 1999**. Dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas. Brasília, 1999. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/1999/leicomplementar-97-9-junho-1999-377583-norma-pl.html>>. Acesso em: 19 fev.2016.

\_\_\_\_\_. **Lei Complementar n. 117, de 2 de setembro de 2004**. Altera a Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999, que dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas, para estabelecer novas atribuições subsidiárias. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/2004/leicomplementar-117-2-setembro-2004-533982-norma-pl.html>>. Acesso em: 19 fev.2016.

\_\_\_\_\_. **Lei Complementar n. 136, de 25 de agosto de 2010**. Altera a Lei Complementar nº 97, de 9 de junho de 1999, que "dispõe sobre as normas gerais para a organização, o preparo e o emprego das Forças Armadas", para criar o Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas e disciplinar as atribuições do Ministro de Estado da Defesa. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/leicom/2010/leicomplementar-136-25-agosto-2010-608087-norma-pl.html>>. Acesso em: 19 fev.2016.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 1802, de 5 de janeiro de 1953**. Define os crimes contra o Estado e a Ordem Política e Social, e dá outras providências. Brasília, 1953. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1802-5-janeiro-1953-367324-norma-pl.html>>. Acesso em: 19 fev.2016.

\_\_\_\_\_. **Lei 13.260, de 16 de março de 2016**. Define os crimes de Terrorismo e dá outras

providências. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1802-5-janeiro-1953-367324-norma-pl.html/>>. Acesso em: 19 mar.2016.

\_\_\_\_\_. **Livro Branco de Defesa Nacional – LBDN**. Brasília, DF, 2012b.

\_\_\_\_\_. Ministério da Defesa. MD30-M-10 **Manual de Garantia da Lei e da Ordem**. Brasília, 2a ed, 2014c.

MARINHA DO BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-31.2 - Manual de Operações Contra Forças Irregulares dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro, 2008a.

\_\_\_\_\_. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-31.1 - Manual de Operações Militares em Ambiente Urbano dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro, 2008b.

BUZANELLI, Márcio Paulo. **Prevenção e Combate ao Terrorismo Internacional**. Presidência da República/Gabinete de Segurança Institucional. Brasília: 2010.

CHALK, Peter. **West European terrorism and counter-terrorism: the evolving dynamic**. London: Antony Rowe Ltd, 1996.

CLUTTERBUCK, Richard. **Guerrilheiros e Terroristas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

COLAÇO, Paulo Ricardo Finotto. **Prevenção e Combate ao Terrorismo Internacional**. Presidência da República/Gabinete de Segurança Institucional. Brasília: 2010.

CRETELLA NETO, José. **Terrorismo Internacional: inimigo sem rosto – combatente sem pátria**. Campinas, SP: Millenium, 2008.

DANTAS, Rômulo Rodrigues. **Prevenção e Combate ao Terrorismo Internacional**. Presidência da República/Gabinete de Segurança Institucional. Brasília: 2010.

ESCOLA SUPERIOR DE INTELIGÊNCIA. **Doutrina e Método da Escola Superior de Inteligência**. 4. ed. Belo Horizonte, 2011.

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas**. 8.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

GEROMEL, Antonio Sergio. Workshop **Prevenção e Combate ao Terrorismo Internacional**. Presidência da República/Gabinete de Segurança Institucional. Brasília: 2010.

GROUSSARD, Serge. **The Blood of Israel: the massacre of the Israel athletes, the Olympics, 1972**. New York: Morrow, 1975.

HERZ, Mônica e AMARAL, Arthur Bernardes do. **Relações Internacionais: perspectivas e desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2010.

HEYDTE, Frederich August von der. **A Guerra Irregular Moderna:** em políticas de defesa e como fenômeno militar. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1990.

JUNIOR, Raphael Mandarino. Workshop **Prevenção e Combate ao Terrorismo Internacional.** Presidência da República/Gabinete de Segurança Institucional. Brasília: 2010.

KLEIN, Aaron J. **Contra-ataque:** O massacre nas Olimpíadas de Munique e a reação mortal de Israel. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MELO NETO, Francisco Paulo de. **Marketing do terror.** São Paulo: Contexto, 2002.

MUNIQUE 1972: um dia em setembro. Direção: Kevin Macdonald. Produção: Arthur Cohn: Narração: Michael Douglas. 1h31min. Cor/P&B. Versátil, Longa Metragem, 1999.

MUNIQUE. Direção: Steven Spielberg. 2H42min. Torrent. Dublado Bluray 1080 p, 2005

PANIAGO, Paulo de Tarso Resende. **Terrorismo cibernético e cenários especulativos.** Revista Brasileira de Inteligência/Agência Brasileira de Inteligência. Vol. 3, nº 4 (set. 2007). Brasília: Abin, 2005

PANIAGO, Paulo de Tarso Resende et al. **Uma cartilha para melhor entender o terrorismo internacional:** conceitos e definições. Revista Brasileira de Inteligência/Agência Brasileira de Inteligência. Vol. 3, nº 4 (set. 2007). Brasília: Abin, 2005

PAZZINATO, Alceu L. e SENISE, Maria Helena. **História Moderna e Contemporânea.** 14 ed. São Paulo: Ed. Ática, 424 p., 2004.

RAPOPORT, David Charles. *The Four Waves of Terrorism, in Attacking Terrorism (Cronin and Ludes eds.).* 2004. Disponível em: <<http://www.international.ucla.edu/media/files/Rapoport-Four-Waves-of-Modern-Terrorism.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

RAPOSO, Álisson Campos. **Terrorismo e Contraterrorismo:** desafio do século XXI. Revista Brasileira de Inteligência/Agência Brasileira de Inteligência. Vol. 3, nº 4 (set. 2007). Brasília: Abin, 2005

REEVE, Simon. **One day in September.** New York: WW Norton, 2011

SENNA, Cláudio José D' Alberto. Antonio Sergio. Workshop **Prevenção e Combate ao Terrorismo Internacional.** Presidência da República/Gabinete de Segurança Institucional. Brasília: 2010.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira; CHAVES, Daniel Santiago. **Terrorismo na América do Sul:** uma ótica brasileira. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

SILVA, Guilherme A.; GONÇALVES, Williams. **Dicionário de Relações Internacionais.** Barueri, SP: Manole, 2010.

SISTEMA BRASILEIRO DE INTELIGÊNCIA. Conselho consultivo. **Manual de**

**Inteligência:** doutrina nacional de Inteligência: bases comuns. Brasília, DF: Abin, 2004.

STERN, Jéssica. **Terror em nome de Deus:** porque os militantes religiosos matam. São Paulo: Barcarolla, 2004.

TZU, Sun. **A arte da Guerra** – Adaptação de James Clavell – 38º Edição – São Paulo/Rio de Janeiro - Editora Record, 2002.

WHITTAKER, David J. **Terrorismo – um retrato.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

WOLOSZYN, André Luis. **Terrorismo Global:** aspectos gerais e criminais. Porto Alegre: EST Edições, 2009.

## ANEXO A – Lista de Ilustrações

## QUADRO 1

## Comparativo das características do Velho e do Novo terrorismo

<b>VELHO TERRORISMO</b>	<b>NOVO TERRORISMO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baseado numa política e num objetivo preciso (independência política soberania e autonomia).</li> <li>• Praticado por grupos estabelecidos (ETA, IRA, SENDERO LUMINOSO, BRIGADAS VERMELHAS).</li> <li>• Tem o patrocínio dos países.</li> <li>• Pratica atos suicidas com número reduzido de vítimas.</li> <li>• Visa atacar uma instituição de um país amigo ou do próprio país onde opera.</li> <li>• Praticado por grupos políticos e existência de guerrilhas.</li> <li>• É a manifestação da força.</li> <li>• Visa alvos humanos (morte, sequestro de políticos, militares, empresários, magistrados, etc.).</li> <li>• Atua em bases territoriais limitadas</li> <li>• Espalha medo e terror para chamar a atenção da mídia.</li> <li>• Fruto de um conflito local e de uma guerra civil circunscrita a um país ou região.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Baseado em causas duvidosas e sem objetivos precisos.</li> <li>• Praticado por uma extensa rede de organizações terrestres.</li> <li>• Sequestra países para operar a partir deles.</li> <li>• Pratica ataques ousados e inesperados contra prédios e instalações civis e militares, com elevado número de vítimas.</li> <li>• Objetiva atacar todo um sistema (globalizado, capitalismo financeiro, neoliberalismo).</li> <li>• Praticado por militares fanáticos e grupos religiosos.</li> <li>• É a expressão da fúria.</li> <li>• Visa a alvos simbólicos (Pentágono, World Trade Center, embaixadas, navios e aviões, quartéis, plataformas de petróleo).</li> <li>• Atua indiscriminadamente em todo o mundo.</li> <li>• Produzem espetáculos de horror para servir de conteúdo à mídia e difundir a imagem do terror no mundo.</li> <li>• Apresenta-se ao mundo como prenúncio de uma gerra santa e um choque de civilizações.</li> </ul>

Fonte: WOLOSZYN, 2009, p. 29

## QUADRO 2

## Potencial de ocorrência de terrorismo, Alvos e Agentes

POTENCIAL DE OCORRÊNCIA	ALVOS	AGENTES
Alto	Missões diplomáticas dos EUA e Israel	Organizações terroristas palestinas e fundamentalistas islâmicas contrárias ao Acordo de Paz e com capacidade para atuar no exterior
Alto	Aeronaves ou embarcações de turismo dos EUA ou Israel em território brasileiro	
Alto	Aeronaves ou embarcações de turismo dos EUA ou entidades representativas da comunidade judaica (associações, centros culturais e sinagogas)	
Médio	Empresas claramente vinculadas aos Governos dos EUA. Entidades vinculadas direta ou indiretamente a esse Governo. Outros (Casa Thomas Jefferson, Igreja Mórmon, etc.)	
Médio	Autoridades governamentais dos EUA ou Israel em visita ao País	
Baixo	Plataformas de petróleo e refinarias	Organizações criminosas brasileiras e/ou células independentes e descentralizadas
Baixo	Aeroportos internacionais	
Médio	Prédios e agências governamentais, autoridades e parlamentares.	
Baixo	Rodovias, estádios de futebol, shopping centers e centros urbanos	

Fonte: WOLOSZYN, 2009, p. 105

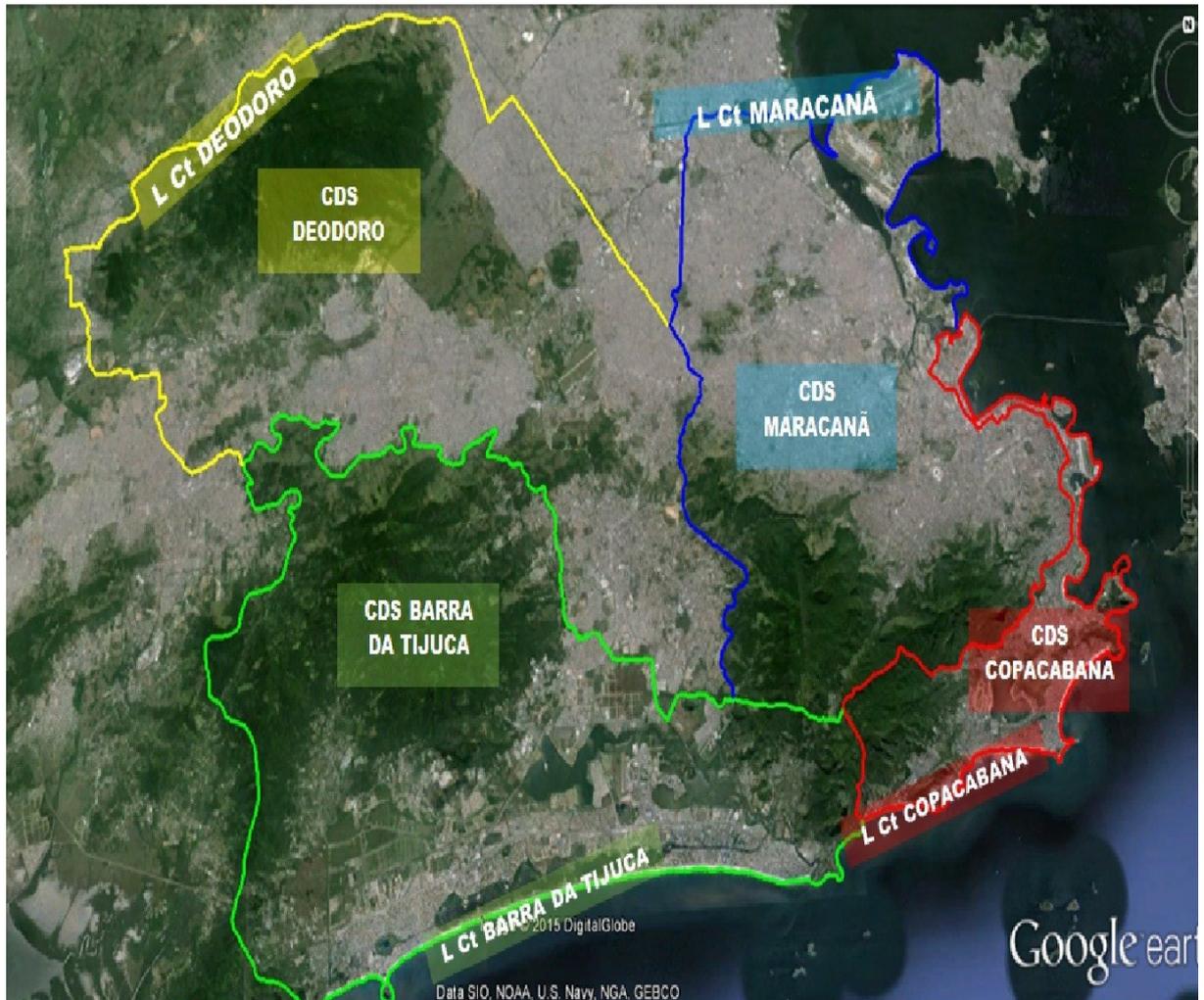


FIGURA 1 – Atuação da MB na Olimpíada 2016 (CDS Copacabana)

Fonte: Palestra do Comandante de Operações Navais para o C-PEM 2016, na EGN, em 15/07/2016.

## ANEXO B

### Histórico da origem da Organização Setembro Negro

Tudo começou, segundo Clutterbuck (1980), quando em 70 d.C. os Judeus abandonaram a região da Palestina, ficando poucos vivendo por ali, enquanto que os Árabes permaneceram por lá desde antes de 700 d.C., mesmo tendo toda a região sido dominada por 500 anos pelos Turcos, que foram expulsos em 1918 pelos ingleses.

Em 1917, a Liga das Nações expediu um mandato para que a Inglaterra administrasse a área onde hoje compreende a Jordânia e Israel, que estava sendo ocupada pelo Exército Inglês, após expulsar os Turcos. Nesse mesmo mandato, havia o compromisso de estabelecer, na Palestina, um “Lar Nacional Judeu, corroborando a Declaração de Balfour, de 1917, segundo a qual o Governo Britânico se comprometia a estabelecer, na Palestina, um “Lar Nacional” para os Judeus. Isso fez com que ocorresse um grande fluxo de imigrantes Judeus para aquela área, na década de 1920, oriundos da Rússia, Europa Oriental e dos EUA, agravado depois de 1933 pela perseguição nazista, tornando a população de judeus na região em torno de 29%, o que acabou causando uma revolta generalizada dos árabes, que durou de 1936 a 1938, e fez com que houvesse uma expansão da “Guarda Nacional Judia”, conhecida como Haganah, em cada Kibbutz. Essa guarda lutou contra os nazistas na Segunda Guerra Mundial, como uma Brigada Judia do Exército Inglês. Após a Segunda Guerra, surgiu uma Organização Terrorista Judia de extrema direita – a Irgun Zvai Leumi (IZL) que fazia a exigência de que o “Lar Nacional Judeu” também incluísse o território da Jordânia e não só o da Palestina. Como viram que não seria possível, lançaram uma série de ataques contra o Exército Inglês, que deixou tanto a Representação Judia, como o Haganah numa situação embaraçosa, pois estes estavam trabalhando para se tornarem o Governo e o Exército Regular de Israel, respectivamente, a partir do momento que o Estado de Israel se tornasse

independente.

O projeto de divisão das terras na região foi baseado na posse da terra e foi o que os judeus fizeram – por volta de 1947, individualmente ou pela Representação Judia, haviam comprado, dos árabes, grande parte das terras férteis da planície litorânea.

Quando os árabes tomaram conhecimento das fronteiras da divisão das terras da região (dos seus mapas) ocorreram inúmeros atentados de ambos os lados, causando a fuga de vários refugiados pela fronteira, além da preparação dos exércitos do Egito, Síria e Jordânia para invadir o novo Estado, tão logo o Exército Inglês partisse. O Haganah, observando isso, se preparou para a defesa contra essa invasão, mostrando-se capaz por ocasião de algumas tentativas árabes de penetração.

Com a ascensão do General Nasser a Presidente do Egito (em 1954), os guerrilheiros árabes passaram a intensificar suas incursões a israel, a partir da faixa de Gaza, o que fez com que os Americanos, Ingleses e Franceses deixassem de fornecer armas ao Egito, até que cessassem os ataques. Porém, o Egito, em contrapartida, assinou um acordo com a Rússia para o fornecimento de armas. Os EUA, com isso, voltou atrás na decisão de financiar, pelo Banco Mundial, a represa de Assuã<sup>1</sup>. O Egito, em retaliação, nacionalizou o Canal de Suez e com os ataques dos Fedáines<sup>2</sup>, acabou provocando a Guerra de Suez (em 1956), e conseqüentemente, a ocupação da Península do Sinai pelo Exército de Israel, de onde só saiu com muita relutância, após ter a promessa do EUA de que a região seria controlada por uma Força de Paz da ONU.

---

1 A represa Alta de Assuã ou Assuã Alta é uma barragem egípcia, localizada no Nilo, próxima da cidade de Assuã. Os planos para a construção começaram em 1952 e ela seria financiada pelos EUA e Reino Unido, que em julho de 1956 cancelaram o acordo, tendo sido concluída em 1958, com a ajuda financeira, maquinário e técnicos especializados da URSS. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/37102/hoje+na+historia+1990+e+construida+a+represa+de+assua+a+maior+do+rio+nilo.shtml>>. Acesso em: 24mar2016.

2 Os Fedáines, em árabe, numa tradução livre, pode ser "devoto", "mártir" ou "aquele que se redime pelo sacrifício", ou mesmo guerrilheiro. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/historia-de-israel/o-dramas-dos-refugiados-palestinos-e-judeus.html>>. Acesso em: 24mar2016.

Nos anos que se seguiram (a partir de 1965) houve um aumento considerável dos ataques guerrilheiros a Israel, com incremento da participação dos palestinos, ocorrendo, em retaliação, vários ataques de Israel ao território da Jordânia e a ameaça de invasão do Egito e da Síria.

Com a ameaça do Egito de fechar os estreitos de Tiran<sup>3</sup>, o que lhe dificultaria o acesso ao Oceano Índico, e como já tinha o Canal de Suez fechado, em junho de 1967 Israel atacou e expulsou os sírios das colinas de Golan; expulsou os jordanianos de Jerusalém e os egípcios para além do Canal de Suez, fazendo com que o número de árabes refugiados aumentasse em mais de um milhão e meio, além de perderem o território da Palestina, que passou a servir, para Israel, como um escudo contra as bases guerrilheiras palestinas, exceto aquelas instaladas no Líbano.

Com isso, os guerrilheiros palestinos foram levados a desviarem suas atividades de Israel para o restante do mundo. Houve uma dispersão das várias facções, que continuaram fiéis à OLP. Dentre as principais cita-se o Al Fatah<sup>4</sup>, a Organização Setembro Negro (OSN), Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP)<sup>5</sup>, Frente Popular Democrática para Libertação da Palestina (FPDLP)<sup>6</sup> e Saiga<sup>7</sup>, sendo quase todas elas sediadas no Líbano.

---

3 O estreito de Tiran fica entre a Arábia Saudita e o Egito. Ele banha a parte mais ocidental da Arábia Saudita e o sudeste da península do Sinai (Egito). No estreito, as terras são baixas, mas alguns quilômetros da costa começa a aparecer grandes montanhas. O estreito é uma das principais vias marítimas entre a Arábia Saudita e o Egito. A distância, em média, do estreito de Tiran é de apenas 10 km de largura. O estreito de Tiran é a única ligação de Israel com o Mar Vermelho, através do golfo, sendo então muito importante geoestrategicamente. Disponível em: <[http://estudo-biblico-online.blogspot.com.br/2014/02/estudo-sobre-travessia-do-mar-vermelho\\_2272.html](http://estudo-biblico-online.blogspot.com.br/2014/02/estudo-sobre-travessia-do-mar-vermelho_2272.html)>. Acesso em: 26mar2016

4 A facção Al Fatah foi originalmente formada pela fraternidade muçulmana em 1956, embora só se tornasse atuante a partir de 1968; foi o maior e o mais moderado dos movimentos. Era liderado por Yasser Arafat, que também foi Presidente da Organização para Libertação da Palestina (OLP). Possuía milhares de seguidores. (CLUTTERBUCK, p. 85).

5 A facção Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP) é um movimento marxista-leninista, formado em 1968, pelo médico cristão ortodoxo Dr. George Habbash. Era mantida pelo Iraque e outros Estados Árabes radicais e foi responsável pelos mais espetaculares sequestros durante os anos de 1968 a 1972. (CLUTTERBUCK, p. 86).

6 A facção Frente Popular Democrática para a Libertação da Palestina (FPDLP) – liderada por Naif Hawatmeh, é um movimento da extrema esquerda marxista, dissidente da FPLP e que não reconhece os governos árabes, tradicionais ou não, propondo-se a substituí-los por “democracias” populares”. (CLUTTERBUCK, p. 86).

7 A facção Saiga é um grupo controlado diretamente pelo governo da Síria, onde está baseado. De vez em

Dentre estas, a FPLP iniciou uma série de sequestros aéreos, realizando o primeiro em julho de 1968, o que até então só tinha acontecido em Cuba e nos EUA. Sequestraram um avião da empresa EI AI e o desviaram para a Argélia.

Desde então, os israelenses passaram a tomar medidas de precaução, evitando vários sequestros e, em 1970 capturaram vários terroristas palestinos e os colocaram presos, após terem efetuado ataques na Grécia, na Suíça e na Alemanha Ocidental. Nesse mesmo ano, a FPLP tentou sequestrar três aviões, com a intenção de libertar os terroristas presos, não tendo êxito num destes sequestros, sendo capturada uma conhecida terrorista sequestradora de aviões Leila Khaled<sup>8</sup>. Foi sequestrado então mais um avião inglês, pousando os três aviões (um suíço, um inglês e um americano) num campo de pouso em desuso chamado Dawson, situado na Jordânia, com um total de quatrocentos passageiros que, após dias de negociações, foram libertados, em troca da liberdade de sete terroristas palestinos (concedida pela Inglaterra, Alemanha Ocidental e Suíça) – mas mesmo assim os aviões foram explodidos, o que causou uma grande revolta em todo o mundo, fazendo com que o Rei Hussein da Jordânia expulsasse os guerrilheiros palestinos de seus país, pois estavam ameaçando dominá-lo.

Com o clima emocional que se assolou, nenhum país árabe deu apoio aos guerrilheiros, sendo quase todos mortos. Os que conseguiram escapar fugiram para o Líbano e para a Síria.

Essa pesada derrota fez com que um grupo de jovens militantes do Al Fatah formasse a OSN, que juntamente com a FPLP passaram a ter como alvo os aviões da Jordânia, mas devido às fortes medidas de segurança que haviam sido tomadas, a exemplo de Israel,

---

quando, participam ativamente na guerra civil do Líbano. (CLUTTERBUCK, p. 86).

8 Leila Ali Khaled (nascida em Haifa, em 9 de abril de 1944) era uma militante da Frente Popular para a Libertação da Palestina que se tornou famosa nos anos 70 por ser uma das poucas mulheres árabes envolvidas em atividades de guerrilha. Na adolescência juntou-se ao Movimento Nacionalista Árabe. Em 1963 mudou-se para o Kuwait, onde trabalhou como professora de inglês, enviando parte do dinheiro para sustentar a família. Foi neste país que se tornou membro da Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP). Disponível em: <<https://palestinavive.org/author/mundoesotera/page/2/>> Acesso em: 26mar2016.

quase não obtiveram sucesso.

Em fevereiro de 1972, eles sequestraram um avião da Lufthansa e receberam um resgate de 5 milhões de dólares do Governo alemão.

Conforme descreveu Klein (2006, p. 21 e 23), com o sucesso do sequestro, em 8 de maio, do mesmo ano, um grupo da OSN, armados de granadas de mão, explosivos e revolver (dois homens e duas mulheres) sequestraram um avião no voo 571 (com noventa passageiros, sendo 67 deles judeus, além da tripulação) da Companhia belga Sabena, que ia de Bruxelas para Tel Aviv, via Viena, e ordenaram ao piloto que pousasse em Tel Aviv, no aeroporto internacional de Lod, fazendo a exigência de que fossem libertados 315 terroristas palestinos condenados e presos em Israel. Os comandos israelenses contraterrorismo, vestidos como mecânicos, invadiram a aeronave, mataram dois sequestradores homens, um dos passageiros por engano, e prenderam as duas mulheres.

Essa captura teve como represália o massacre de 24 passageiros e o ferimento de outros 72, no mesmo aeroporto, em 30 de maio de 1972, realizado por 3 terroristas japoneses marxistas (que eram universitários, pertencentes ao Exército Vermelho Unido, um grupo revolucionário extremista do Japão), que foram treinados pela FPLP num campo de refugiados no Líbano. Usando granadas de mão e fuzis AK-47, abriram fogo e jogaram granadas contra os passageiros que ali se aglomeravam. Dois deles foram mortos e o terceiro capturado. Esse massacre demonstrou o alcance internacional das ações da FPLP.

Após esse histórico de atentados, e com o fracassado sequestro do avião da Companhia Sabena, aumentou ainda mais a determinação do OSN, que passou a preparar um ataque que fosse avassalador e que chocasse o mundo; que tivesse grande repercussão mundial. Então, em 5 de setembro de 1972, nas Olimpíadas de Munique, oito terroristas palestinos da OSN, sequestraram onze atletas israelenses, cujo objetivo principal era a

publicidade. Tendo a ação alcançado seu objetivo, pois o episódio foi acompanhado por aproximados quinhentos milhões de pessoas, e foi a partir de então que muitas pessoas ouviram falar pela primeira vez na causa palestina – em que pese a maioria dos que acompanharam os acontecimentos ter ficado revoltada com o ocorrido.